Editor convidado: Vampeta – craque, falastrão e cambalhoteiro

É teeeeeeeeeetra! Como a seleção voltou a meter medo no mundo

Bad boys e fanfarrões: quem agitou o mundo da bola

Os boleiros e suas gatas (e o Fenômeno com suas Ronaldinhas)

Os uniformes, os craques e os títulos inesquecíveis

PRELEÇÃO

Uma revista pra lá de raiz

No último mês de fevereiro, Placar lançou o Dossiê Futebol nos Anos 80, resgatando um dos períodos mais ricos da nossa revista e também do esporte no país e no mundo. O resultado final foi muito elogiado por nossos leitores e por dois de nossos ídolos e editores convidados: Zico e Casagrande, que chancelaram a edição. Seguindo essa linha, emplacamos agora o especial do Futebol dos Anos 90, em nosso segundo dossiê. Como a revista, que passou por diversas transformações, formatos e periodicidade, a década no futebol foi marcada por mudanças. O esporte enriqueceu, ganhou dimensões globais e viu nossos craques e nossa seleção serem protagonistas no período. Nessa edição, resgatamos então as principais histórias da década que é guardada com carinho por muitos de nossos leitores, que crescerem na geração do início da internet e viram um período de glória da seleção brasileira e de títulos importantes dos grandes clubes. Muitos até entraram numa brincadeira recente nas redes sociais, tratando o futebol dos anos 90 como futebol "Raiz" e não futebol "Nutella", em referência ao futebol "fresco e esnobe" dos dias atuais. E, para falar sobre a edição, buscamos um dos jogadores mais irreverentes do nosso futebol, o ex-volante Vampeta, que, apesar de não ter sido um protagonista, vivenciou bem o período e conviveu com os principais nomes da época. À sua moda, sempre bem-humorada, deu o aval e fez seus comentários (Vampetadas) sobre os craques, as gatas, os bad boys, os estilosos, os gatinhos, os gringos e sobre a seleção brasileira. Fã da Placar, Vampeta diz que guarda com orgulho em casa a edição de outubro de 1998, quando foi capa da revista.

Vampeta foi nosso consultor para esta edição,: visão bem-humorada e antenada

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© CAPA BRUNO VEIGA

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Livia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor Editorial - Estilo de Vida: Sérgio Gwercman

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues (texto), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa (foto), Henrique Toth (reportagem) e Renato Bacci (revisão) Controle Administrativo: Cristiane Pereira
Atendimento ao Leitor: Sandra Hadich
CTI: André Luiz, Marcelo Tavares e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Karina Kattan (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), Rafael Ferreira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações) ABRIL BRANDED CONTENT Edward Pimenta ASSINATURAS Adalton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Ícaro Freitas (Circulação Avulsas), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patricia Frangiosi (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos), Wilson Paschoal (Canais de Vendas) MARKETING DE MARCAS Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas), Leander Moreira (Exame) ESTRATÉGIA DIGITAL Edson Ferrão MERCADOVEI Rafael Gejardo OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE DIGITAL Renata Guimarães SEO Isabela Sperandio PARCERIAS E TENDÊNCIAS Airton Lopes PRODUTO Renata Gomes VÍDEO André Vaisman (Colaboração em Direção de vídeo) Adriana Yoshida (Estilo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Poran (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) MARKETING CORPORATIVO Maurício Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porteiro (Licenças), Thaís Rocha (Relações com o Mercado) DEDOC E ABRILPRES Valter Sabino PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES Adriana Fávilla, Adriana Kazan, Emilene Pires e Renata Antunes RECURSOS HUMANOS Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH) e Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios).

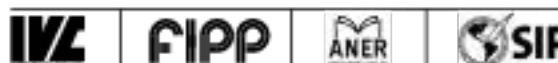
Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1428 (EAN 789-3614-10779 0), ano 47, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112 Demais localidades: 0800-775-2112
www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145 Demais localidades: 0800-775-2145
www.assineabril.com.br

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, ligue: (11) 3990.1329 / (11) 3990.2059
e-mails: atendimento conteudoabril@abril.com.br
e abrilcontent@abril.com.br
Acesse: www.abrilconteudo.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

GRUPO Abril

Presidente AbrilPar: Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretora Corporativo de Marketing: Melina Konstadinidis Porcel
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro
Diretora de Relações Corporativas: Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

SUMÁRIO

Uma das imagens mais marcantes em todos os tempos na Placar. O campo com uma árvore no meio e juiz na sombra, no bairro do Brás, em São Paulo, do fotógrafo Alexandre Battibugli, em 1996

JOVEM PAN, PROGRAMAÇÃO CAMPEÃ NO FUTEBOL.

A CAMINHO DA RÚSSIA.

Fonte: Kantar Ibope Media – EasyMedia4 – fevereiro a abril de 2017 *Audiências AM, FM e web somadas (este comparativo inclui todas as emissoras de AM e FM que transmitem futebol)

2018 FIFA WORLD CUP RUSSIA™

RÁDIO LICENCIADA

O eterno Ayrton Senna, comemora o tri na F1 e Dunga, o tetra no futebol

A DÉCADA QUE NOS TIROU UM HERÓI E NOS DEU UMA COPA

Os anos 90 começaram com derrota vergonhosa na Copa do Mundo da Itália. Mas Ayrton Senna era nossa redenção, e, no ano seguinte, conquistou o tricampeonato de Fórmula 1. Em 1994, o país viveu uma de suas maiores dores, justamente a morte de Senna. A seleção prestou suas homenagens ao piloto nos gramados americanos, na Copa de 94, e trouxe o tetra para casa com a liderança de Dunga e os gols de Romário

1990

Após a queda do Muro de Berlim, em 1989, o mundo assiste à reunificação das Alemanhas e sente um sopro de esperança de tempos de paz, mas a década reservaria ainda muitas guerras. Saddam Hussein, ditador do Iraque, comanda uma invasão ao vizinho Kuwait, trazendo instabilidade ao Oriente Médio e a disparada do preço do petróleo. A Alemanha conquista a Copa do Mundo da Itália, vencendo a Argentina de Maradona na final. No Brasil, após ser eleito, em 1989, Collor toma posse como presidente do Brasil. No dia seguinte à posse lança um plano econômico desastroso, que continha mudança de moeda e confisco da poupanca, numa sucessão de trapalhadas comandadas pela economista Zélia Cardoso de Melo. O Corinthians quebra um tabu e se torna campeão brasileiro pela primeira vez.

© GETTY IMAGES

No portão de Bradenburgo, as duas Alemanhas são unificadas oficialmente. Em ritmo de união, a seleção alemã conquista a Copa do Mundo na Itália. O Brasil perde um de seus grandes poetas da música. Morre Cazuza, aos 32 anos, vítima da aids

1991

O ano começa com a Guerra do Golfo. Os Estados Unidos iniciam bombardeios ao Iraque e às tropas daquele país no território ocupado do Kuwait. Em fevereiro, numa ofensiva terrestre que durou 100 horas, os americanos encurralam os iraquianos, que acabam se rendendo. A derrota resulta em enormes humilhações e perdas ao país e seu ditador, Saddam Hussein.
A banda Nirvana lança *Nevermind*, um dos discos mais icônicos de todos os tempos, especialmente por sua capa, numa foto imitada até os dias de hoje de muitas formas. Ayrton Senna conquista seu tricampeonato mundial de Fórmula 1, a última conquista brasileira na categoria. O ritmo sertanejo conquista com baladas mais românticas. Chitãozinho e Xororó explodem com sucessos, assim como Leandro e Leonardo, com o hit "Pense em Mim".

© GETTY IMAGES

© GETTY IMAGES

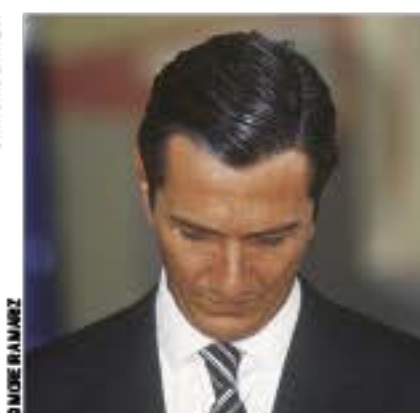
A capa do disco *Nevermind*, do Nirvana, ícone do rock mundial. Ayrton Senna de carona com Nigel Mansell no ano da conquista de seu tricampeonato. Chitãozinho e Xororó, depois de anos de muita estrada, chegam ao auge e levam multidões aos shows. No Iraque e no Kuwait, a Guerra do Golfo explode

1992

O ano de 1992 começa agitado na política brasileira. Fernando Collor, presidente do Brasil, prometia tirar o país da crise, mas seu governo era instável. Uma denúncia de corrupção no seu governo, feita justamente por seu irmão, Pedro Collor, numa explosiva entrevista à revista *Veja*, o abala. Uma CPI foi instalada e o presidente passa meses agonizando num mar de denúncias. Surge o movimento jovem dos caras-pintadas, que vão às ruas pedir a saída do presidente, que em outubro sofre o impeachmant.
O Brasil ganha uma inédita medalha de ouro no vôlei masculino, na Olimpíada de Barcelona. A atriz Daniela Perez, filha da autora de novelas Glória Perez, é assassinada por seu par romântico na novela da Globo, Guilherme de Pádua, e sua mulher, Paula Thomaz, com 18 golpes de tesoura, num crime que abalou o país.

© RICARDO CORRÊA

© ANTÔNIO BATALHA

© MOREIRA MARIZ

Os meninos do vôlei e o ouro inédito em Barcelona. A atriz Daniela Perez, assassinada covardemente. O presidente Collor caiu por corrupção

1993

Nos Estados Unidos, o democrata Bill Clinton assume seu primeiro mandato, em 20 de janeiro, tornando-se o terceiro presidente mais jovem a chegar à presidência norte-americana. No Brasil, três chacinas envergonham o país – duas delas realizadas por policiais militares. Na Candelária, centro do Rio, seis menores e dois moradores de rua são executados. Em Vigário Geral, também no Rio, um grupo de encapuzados mata 21 moradores da comunidade, em vinganca à morte de quatro policiais. Num crime que abalou ambientalistas no mundo inteiro, 13 índios ianomâmis foram mortos por garimpeiros em Roraima, no que ficou conhecido como Massacre de Haximu. O Palmeiras sai da fila e conquista o Paulistão após 17 anos. No mesmo ano, com elenco bancado pela Parmalat, patrocinadora e cogestora, ganha também o Campeonato Brasileiro.

© GETTY IMAGES

O democrata Bill Clinton assume a presidência dos Estados Unidos, sendo o terceiro mais jovem a tomar posse na Casa Branca. O Palmeiras, do artilheiro Evair, se torna campeão do Paulistão, encerrando um longo jejum de títulos, justamente sobre seu maior rival, o Corinthians

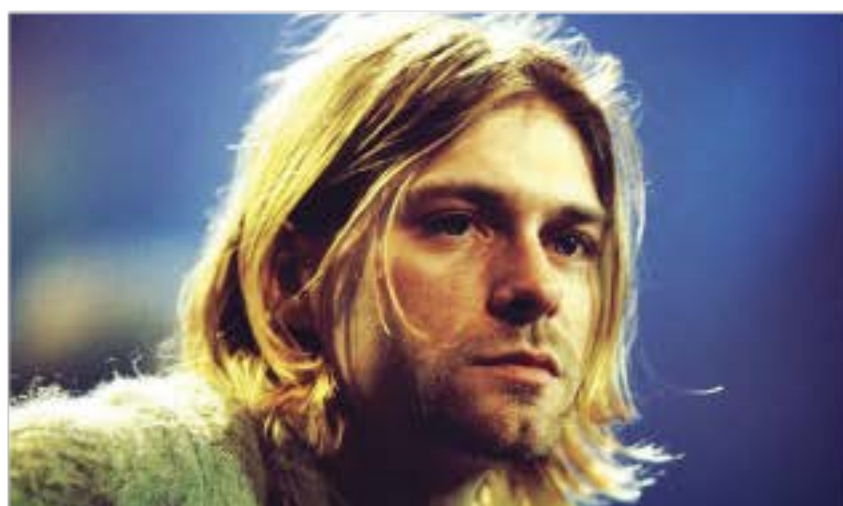
© DORIVAL ELZE

1994

Uma das maiores tristezas nacionais aconteceu em 1994: a morte de Ayrton Senna. O piloto bateu seu carro numa mureta no GP de Ímola, quando liderava a prova. Uma comoção tomou conta do país, que parou para velar seu herói. Nos Estados Unidos, a seleção que homenageou Senna conquistou o tetracampeonato, com atuações inspiradas do baixinho Romário e a segurança de Taffarel na disputa de pênaltis da final. O Brasil conquistou a estabilidade econômica, com o Plano Real. O sucesso do pacote econômico impulsionou a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, então ministro da Fazenda, à presidência. Na África do Sul, Nelson Mandela tornou-se o primeiro presidente negro do país. O músico e compositor Kurt Cobain, do Nirvana, se suicidou com um tiro de espingarda, em Seattle, Estados Unidos.

© GETTY IMAGES

Nelson Mandela se torna o primeiro presidente negro da África do Sul. Taffarel comemora o tetra, após Baggio errar sua cobrança de pênalti

Equipe médica socorre Ayrton Senna, na pista de Ímola: o piloto não resiste e morre, causando enorme comoção no Brasil. Kurt Cobain, astro do rock, se suicida em sua casa, nos Estados Unidos, e uma nova moeda, o real, estabiliza a economia brasileira

© GETTY IMAGES

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

1995

Demorou, mas em 1995 a internet deu as caras por aqui. A rede mundial conectou os brasileiros, ainda que tímida e lentamente. Bill Gates e sua Microsoft lançam o inovador Windows 95. A cidade de Kobe, no Japão, é atingida por um terremoto de 7,3 pontos na escala Richter que deixou mais de 6400 mortos e feriu mais de 35000 pessoas. Fernando Henrique Cardoso toma posse como presidente do Brasil para exercer seu primeiro mandato (foi reeleito até 2002). O Botafogo, liderado pelo atacante Túlio, conquista o Campeonato Brasileiro. Surge o furacão musical Mamonas Assassinas, grupo formado por jovens de Guarulhos (SP). Com um álbum que vendeu mais de 3 milhões de cópias, conquistam o Brasil em uma ascensão meteórica, mas sete meses depois morrem em um acidente aéreo, em São Paulo.

Túlio comemora um dos 23 gols que o tornaram artilheiro do Brasileirão de 1995. A cidade de Kobe enfrenta grande destruição, mortes e muitos feridos após terremoto. Fernando Henrique Cardoso toma posse como presidente do Brasil para seu primeiro mandato

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

©RICARDO CORRÊA

©DIVULGAÇÃO

Os rapazes do Mamonas Assassinas surgem em 1995 e têm uma ascensão meteórica, vendendo mais de 3 milhões de cópias de seu disco. A Microsoft lança o Windows 95 e a internet chega ao Brasil no mesmo ano

1996

A ciência dá um passo largo: nasce, em julho, a ovelha Dolly, resultado de uma clonagem a partir de célula adulta. O fato foi revelado somente sete meses após o nascimento do animal. O grupo pop de garotas britânicas Spice Girls explode com o hit "Wannabe", sucesso em 36 países. Em Varginha (MG), três meninas que passeavam pela cidade alegam ter avistado um ser estranho num terreno baldio. O caso "ET de Varginha" tornou a cidade mundialmente conhecida. Um avião Fokker 100 da TAM, que fazia a ponte aérea Rio-SP, cai 24 segundos após decolar em São Paulo, matando 99 pessoas (96 no voo, três em solo). Acontece a Olimpíada de Atlanta, que fica marcada por um atentado a bomba no parque olímpico. O Brasil conquista 15 medalhas, sendo três de ouro. A decepção ficou por conta do futebol, que não passou do bronze.

© DIVULGAÇÃO

© RICARDO CORRÊA

As Spice Girls, garotas britânicas do pop, entre elas Victoria, mulher de David Beckham. Ronaldo beija o bronze em Atlanta. A simpática ovelha Dolly, exemplo de clonagem bem-sucedida

1997

O Brasil ganha um novo ídolo no esporte. Gustavo Kuerten, o Guga, ganha o torneio francês de Roland Garros (venceria ainda em 2000 e 2001), com um estilo diferenciado e irreverente, inclusive nos uniformes. Tem início uma "gugamania". A tecnologia avança: após anos de pesquisa, é lançado o DVD, numa parceria de três grandes indústrias de tecnologia de imagem. Morre a princesa de Gales, Lady Di. Diane e o então namorado, o milionário egípcio Dodi Al Fayed, morreram quando o carro em que estavam bateu violentamente contra a pilastra na entrada de um túnel em Paris, após tentarem escapar em alta velocidade dos fotógrafos de celebridades. Diana chegou a ser socorrida, mas não resistiu. Em julho, é lançado *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o primeiro volume da bem-sucedida série escrita pela autora britânica J.K. Rowling.

© GETTY IMAGES

Guga levanta sua primeira taça em Roland Garros. Com seu estilo surfistão, conquista Paris e o Brasil passa a viver uma febre de tênis. O DVD já foi uma grande novidade tecnológica. A morte da princesa Diana comove o mundo e J.K. Rowling lança o primeiro *Harry Potter*

© GETTY IMAGES

1998

O Brasil tinha tudo para conquistar o pentacampeonato na Copa da França. Chegou como favorito à final contra os donos da casa, mas os jogadores, abalados por uma convulsão do craque Ronaldo Fenômeno, horas antes da partida decisiva, não renderam e levaram três gols. Os fatos ocorridos com Ronaldo só vieram à tona após o jogo e muitas suspeitas pairaram sobre o ocorrido, inclusive descabidas teorias da conspiração. A mais criativa delas dizia que o Brasil havia "vendido" o resultado da partida. Em setembro, dois jovens estudantes da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, fundam a empresa Google, que viria a se tornar uma das maiores companhias de tecnologia do mundo. O Corinthians ganha seu segundo título brasileiro, derrotando o Cruzeiro, e o Vasco conquista a Libertadores da América.

Larry Page e Sergey Brin eram estudantes de doutorado em Stanford, Estados Unidos, quando fundaram o Google. O técnico Aimé Jacquet levanta a Taça Fifa, após vencer o Brasil por 3 x 0 na final

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

1999

A Otan decide atacar a Iugoslávia, sem consultar a ONU ou qualquer outro organismo internacional. Por 78 dias, Sérvia, Montenegro e Kosovo são bombardeados sem parar com a intenção de cessar o massacre de kosovares pelos sérvios. Centenas de pessoas morrem e mais de 1 milhão fogem para a Albânia e Macedônia. Britney Spears lança o álbum *Baby One More Time*, que, com mais de 10 milhões de cópias vendidas em um ano, torna-se o disco mais vendido em todos os tempos de uma adolescente.
Foi em janeiro de 1999, após anos de planejamento, que se criou a Zona do Euro. A moeda passou a ser fabricada pelos membros da União Europeia, que dariam início à circulação do dinheiro somente em 2002. O Corinthians ganha o tri brasileiro e o Palmeiras conquista sua primeira Copa Libertadores, com o técnico Felipão.

© GETTY IMAGES

© GETTY IMAGES

A guerra do Kosovo provocou o êxodo de mais de 1 milhão de pessoas que fugiam da morte, chocando o mundo, especialmente a Europa. Britney explode com o sucesso "Baby One More Time" e o sonho da União Europeia se materializa com a moeda pronta

NO TOPO DO MUNDO

Vários jogadores brasileiros figuraram entre os melhores do futebol europeu e mundial na década de 90, com destaque para Romário, Ronaldo e Rivaldo, coroados pela Fifa como os craques do ano

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

VAMPETADA
"Para mim, um dos maiores de todos os tempos na posição"

© JADER DA ROCHA

© PISCO DEL GAISO

O Baixinho chamou a responsa

A relação de Romário com os treinadores sempre foi complicada. Ainda nos juniores, o centroavante foi cortado pelo técnico Gilson Nunes do Mundial sub-20, em 1985, após um ato de indisciplina – foi flagrado urinando na varanda do hotel. Herói do Brasil na conquista da Copa América de 1989, o Baixinho mal conseguiu jogar na Copa de 1990 por causa de uma lesão e depois acabou preterido pelo técnico Falcão e também por Parreira. Mas em 1993, quando a seleção correu o risco de não ir para a Copa se perdesse para o Uruguai nas Eliminatórias, Romário foi chamado para literalmente salvar a pátria. E não deu outra. O Baixinho fez os dois gols na vitória por 2 x 0, pôs o Brasil na Copa e começou uma trajetória brilhante. Em 1994, foi o artilheiro e grande nome da seleção que trouxe o tetra dos Estados Unidos. Campeão e artilheiro do Campeonato Espanhol pelo Barcelona, Romário foi eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa. Na seleção, Romário fez ainda uma grande dupla com Ronaldo em 1997, nas conquistas da Copa América e da Copa das Confederações. No ano seguinte, porém, acabou cortado da Copa do Mundo por estar lesionado e acabou brigando com os desafetos Zico e Zagallo, coordenador e técnico da seleção na época.

Após ganhar a Copa de 1994, Romário voltou ao Brasil para defender o Flamengo. Anos depois, acabou cortado da Copa de 1998

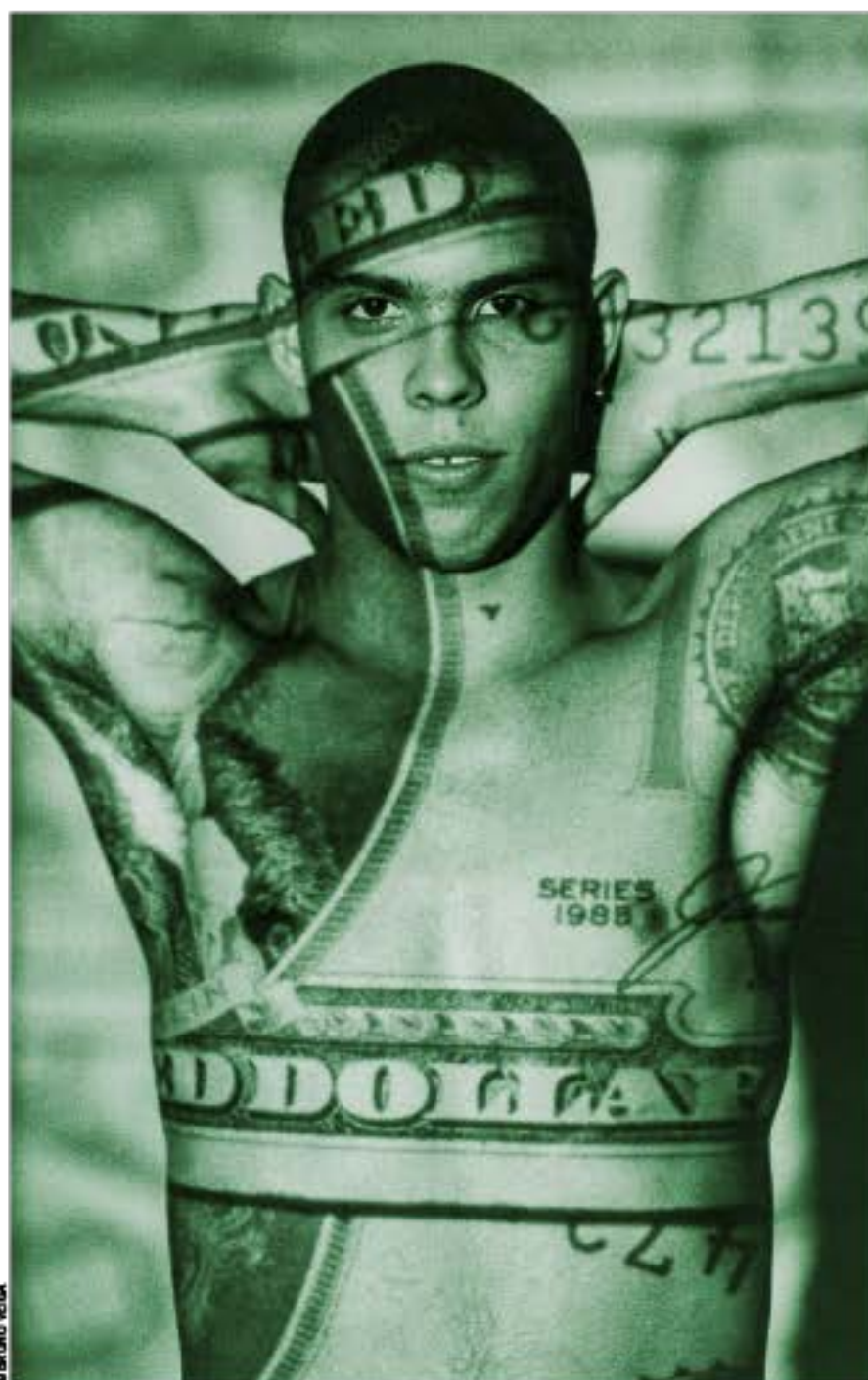
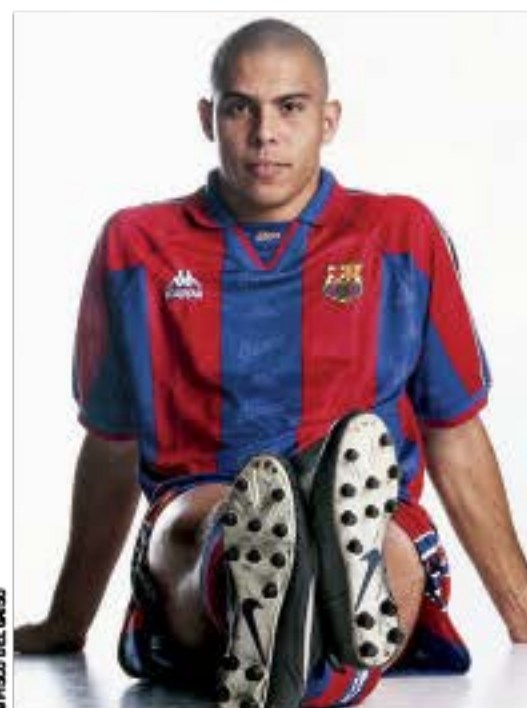
Ronaldo, fenômeno de gols e mídia

Com uma ascensão meteórica, futebol encantador e muitos gols, Ronaldo conquistou o mundo rapidamente. Revelado pelo Cruzeiro em 1993, com 16 anos, o centroavante foi campeão e artilheiro do Campeonato Mineiro no ano seguinte e garantiu vaga no grupo da seleção que ganhou a Copa do Mundo de 1994 antes de completar 18 anos. Após o mundial, foi para o PSV Eindhoven por 6 milhões de dólares. Em dois anos na Holanda, fez ótimas exibições, se consolidou como titular da seleção e depois da Olimpíada de Atlanta e foi para o Barcelona por 20 milhões de dólares. Em apenas um ano, conquistou a torcida do Barça, marcou 47 gols em 49 jogos e foi eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa com apenas 20 anos. Em 1997, após ganhar a Copa América e a Copa das Confederações com a seleção, jogando em altíssimo nível, Ronaldo foi surpreendentemente comprado pela Internazionale de Milão por 32 milhões de dólares e na Itália teve uma temporada de estreia arrasadora, ganhando o apelido de Fenômeno e mais uma vez sendo eleito como o melhor do mundo. Em 1998, no auge, foi para a Copa do Mundo da França como grande estrela. Em campo, vinha sendo o destaque do mundial até sofrer uma polêmica convulsão horas antes da final, perdida para a seleção da França.

© EUGÊNIO SÁVIO

© PISCO DEL GAISO

VAMPETADA
"Tive oportunidade de jogar com ele no PSV e na seleção. Foi o melhor de todos"

© BRUNO VEIGA

© PISCO DEL GAISO

Do Cruzeiro, Ronaldo foi para o PSV, e de lá para o Barcelona, em transferências milionárias. No Barça, encantou e foi eleito o melhor do mundo

Rivaldo, classe e timidez de sobra

Revelado pelo Santa Cruz, Rivaldo saiu de lá, em 1992, para defender o Mogi Mirim, onde ganhou destaque no chamado "Carrossel Caipira" após marcar um gol do meio de campo. Contratado pelo Corinthians em 1993, fez um ótimo Brasileirão, mostrando muita técnica, talento e habilidade com a perna esquerda. No ano seguinte, o meia foi comprado pelo Palmeiras, onde brilhou nas conquistas do Brasileiro de 1994 e do Paulistão de 1996. No mesmo ano, foi para o La Coruña e lá rapidamente fez sucesso. Comprado pelo Barcelona, em 1997, por 30 milhões de dólares, Rivaldo viveu uma ótima fase e se tornou o grande nome do time bicampeão espanhol, em 1999. Nesse ano, o titular da seleção foi eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa. Em 2002, Rivaldo deixou o Barcelona para defender o Milan.

Rivaldo: 5º maior artilheiro do Barcelona, com 130 gols marcados

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Raí: dois gols na final do Mundial de 1992 contra o Barcelona

© RICARDO CORRÊA

Raí, o terror do Morumbi e do PSG

No fim dos anos 80, o meia Raí ficou conhecido basicamente por ser irmão de Sócrates. Revelado pelo Botafogo-SP, como o irmão mais velho, Raí passou pela Ponte Preta e chegou ao São Paulo em 1987 sem grandes holofotes. No tricolor, levou ainda quase dois anos para virar titular indiscutível. Mas no início da década de 90, sob o comando de Telê Santana, o futebol do meia desabrochou, transformando-o em um dos maiores ídolos do clube. O talentoso jogador, de passes precisos, ótima visão de jogo e boa finalização, foi o camisa 10 e principal condutor do São Paulo que conquistou os títulos Paulista, Brasileiro, da Libertadores, Supercopa, Recopa Sul-Americana e Mundial Interclubes entre 1991 e 1993. Vendido ao Paris Saint-Germain em julho de 1993, Raí levou um tempo também para se adaptar no futebol francês. E, como no São Paulo, assim que se firmou, o meia virou ídolo no clube parisiense. Em cinco anos, disputou 213 jogos e marcou 72 gols, conquistando um Campeonato Francês, duas Copas da França e uma Recopa Europeia. Titular da seleção no início da Copa do Mundo de 1994 (virou reserva de Mazinho nos mata-matas), Raí voltou ao Brasil em 1998 para ser novamente campeão paulista pelo São Paulo, onde ainda jogou até 2000, ano em que decidiu encerrar a carreira.

Neto levou o Corinthians ao inédito título brasileiro em 1990

© RICARDO CORRÊA

Craque Neto, o polêmico xodó corintiano

Considerado um dos jogadores jovens mais talentosos do futebol brasileiro surgidos em meados dos anos 80, o meia Neto tinha futebol de sobra para figurar em grandes equipes e na seleção brasileira. Com um toque refinado e uma canhota poderosa, principalmente nas bolas paradas, Neto, porém, se prejudicou com sua língua afiada, indisciplina e a luta para se manter no peso. Assim, demorou para engrenar no futebol naquela década. Começou bem no Guarani, mas depois esteve emprestado ao Bangu e não vingou no São Paulo e no Palmeiras. Em 1989, foi trocado por Ribamar com o Corinthians e no novo time conseguiu finalmente encontrar seu melhor futebol. Ídolo da torcida pelo seu talento e sua liderança em campo, Neto conduziu o time na campanha do primeiro título do Brasileirão, em 1990. Na seleção brasileira, foi preterido injustamente por Sebastião Lazaroni na Copa do Mundo da Itália. Depois, chegou a ter chances com Falcão, mas com a chegada de Parreira não foi mais chamado. Neto jogou no Corinthians até 1993, quando já não estava bem fisicamente. Em 1991, o jogador protagonizou uma cena lamentável ao dar uma cusparada no árbitro José Aparecido de Oliveira num clássico contra o Palmeiras – acabou suspenso por seis meses do futebol.

Marcelinho, queridinho da fiel e mais odiado do Brasil

O pequeno meia-atacante Marcelinho, de 1,68 m, surgiu numa geração vitoriosa do Flamengo, no fim dos anos 80, ao lado de Djalminha, Paulo Nunes, Nélio e Júnior Baiano. No rubro-negro, o habilidoso jogador, de ótimo passe e precisão nas bolas paradas, teve bons momentos, mas não conseguiu ser o protagonista. Assim, no início de 1994, acabou negociado com o Corinthians, onde viveu sua melhor fase. Rapidamente adaptado, Marcelinho ganhou o apelido de Carioca, já que havia outro Marcelinho no time (o Paulista), e conquistou a fiel torcida com seu estilo brigador e goleador. Jogador participativo e decisivo (marcou a maioria dos seus gols nos clássicos), Marcelinho se mostrou polêmico nas entrevistas, cativando o ódio dos torcedores rivais. Muitas vezes, até, dos jogadores adversários – foi eleito por atletas, numa enquete da Placar, como o mais odiado do país, em 1998. Muitos o criticavam pela incoerência: religiosidade exterior e atitudes ruins em campo. Ídolo do Corinthians e supercampeão pelo time (ganhou dois Brasileiros, uma Copa do Brasil, quatro Paulistas e um Mundial), Marcelinho teve poucas chances na seleção brasileira. Chegou a ser chamado por Luxemburgo, que pouco depois revelou uma rusga com o jogador num episódio na concentração do Corinthians.

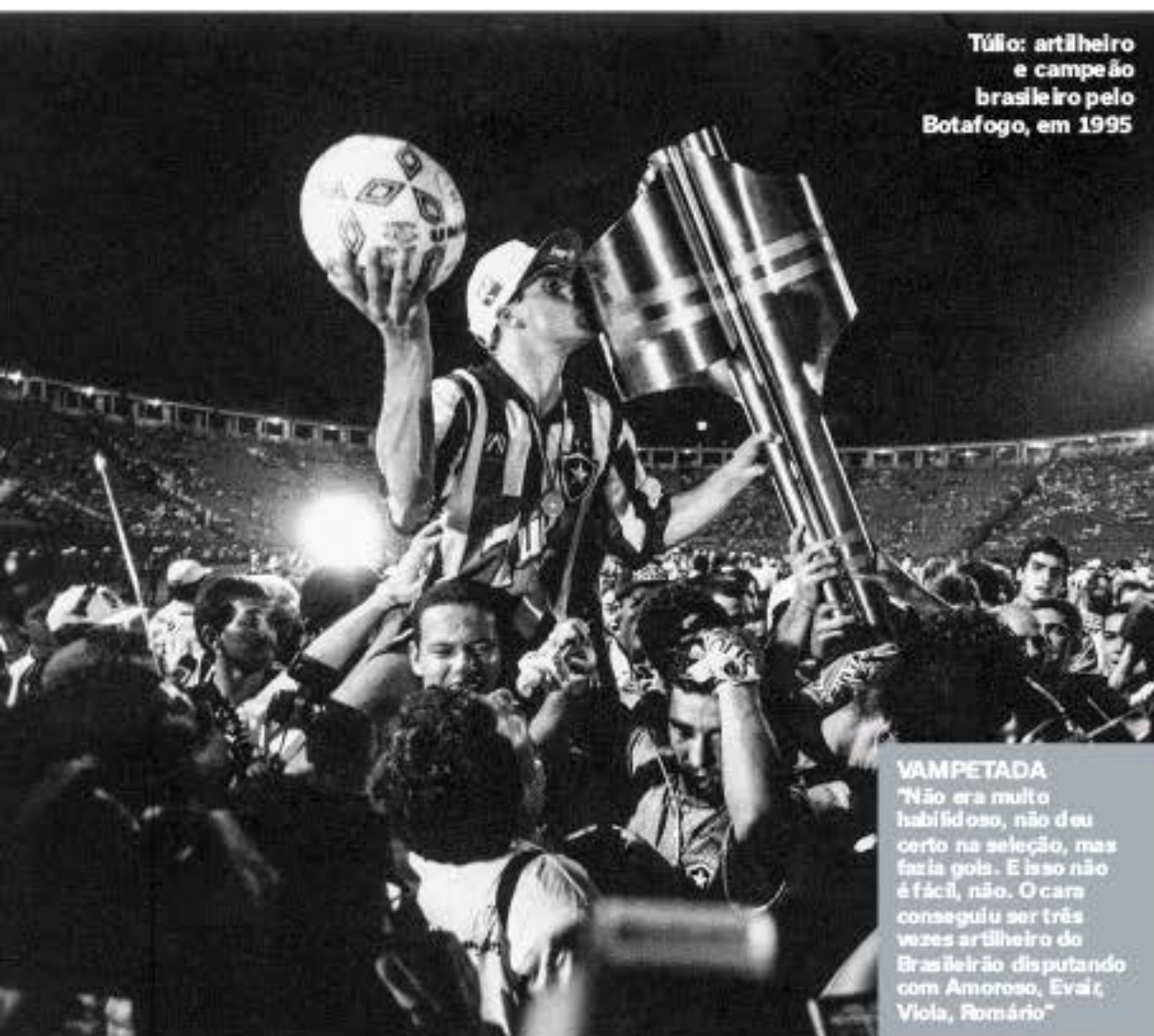
© MAURÍCIO NAHAS

VAMPETADA
"Em números, acredito que ele foi o maior jogador do Corinthians"

© PISCO DEL GAISO

Uh, Marcelinho! Grande nome do Corinthians na década de 90, o Pé de Anjo fazia pregações religiosas fora dele

Túlio, o goleador falastrão e fanfarrão

Não há dúvida de que Túlio foi um dos maiores centroavantes do futebol brasileiro nos anos 90. Os números falam por si – não aqueles da conta do jogador, que garante ter feito mais de 1 000 gols. Três vezes artilheiro do Brasileirão, Túlio se destacou por Goiás e Botafogo, ganhou título no Corinthians, foi titular da seleção na Copa América de 1995 e ainda teve bons momentos no Vitória e no Fluminense no período. Embora não fosse um jogador de muita habilidade, sempre se mostrou eficiente. Pelo Goiás, foram 187 gols (sem contar as partidas pelas categorias de base). No Botafogo, o centroavante marcou mais 159 gols. Falastrão, tornou-se também uma figura engraçada e carismática. Autoapelidado de Túlio Maravilha, o jogador fez muito bem o marketing pessoal, colocando-se sempre entre os melhores. Inclusive como o Rei do Rio, disputando o simbólico posto com Renato Gaúcho e Romário. Em 1995, porém, Túlio pôde não só comemorar essa conquista como a de melhor atacante do Brasil. Autor de 23 gols, foi o artilheiro do Brasileirão e o grande destaque do Botafogo, que venceu o campeonato pela primeira vez após bater o Santos numa polêmica final. Túlio é até hoje um dos recordistas de artilharia no Brasileirão (foi também o goleador em 1989 e 1994), ao lado de Dadá Maravilha, Romário e Fred – três vezes cada um. Nas duas décadas seguintes, Túlio rodou por mais 25 clubes em sua incansável busca pelo gol 1 000.

Túlio: artilheiro e campeão brasileiro pelo Botafogo, em 1995

VAMPETADA
"Não era muito habilidoso, não deu certo na seleção, mas fazia gols. E isso não é fácil, não. O cara conseguiu ser três vezes artilheiro do Brasileirão disputando com Amoroso, Evair, Viola, Romário"

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

VAMPETADA
"Não vi grandes partidas do Edmundo na seleção, mas em termos de clubes ele arrebentou no Vasco e no Palmeiras"

Edmundo: sucesso com a camisa do Palmeiras nos anos 90

© RICARDO CORRÊA

Au, au, au, Edmundo é animal!

Com esse grito o atacante Edmundo era ovacionado pela torcida palmeirense em sua primeira passagem pelo clube, entre 1993 e 1995. Grande contratação do time na era Parmalat, ele chegou ao Palmeiras depois da ótima temporada de estreia pelo Vasco em 1992. Com seu jeito irrequieto em campo, de muita luta e briga – além, é claro, de dribles, gols e jogadas geniais –, Edmundo ganhou o carinho dos palmeirenses. Em 1994, protagonizou uma briga no clássico contra o São Paulo, quando chegou a dar um soco no lateral esquerdo André Luiz. De gênio forte, Edmundo foi para o Flamengo em 1995, no ano do centenário do clube, para jogar ao lado de Romário e Sávio e formar o "melhor ataque do mundo". Não deu muito certo. O time não ganhou nada e Edmundo virou um desafeto do Baixinho. Em 1996, teve rápida passagem pelo Corinthians, antes de retornar ao Vasco, onde voltou a jogar muito bem e ser campeão brasileiro em 1997, com o então recorde de 29 gols. Vendido à Fiorentina, da Itália, para fazer dupla de ataque com o argentino Batistuta, Edmundo acabou ficando pouco tempo por lá. Não se adaptou e mais uma vez retornou ao Vasco, onde novamente jogou ao lado de Romário. Depois disso, rodou por vários clubes nos anos seguintes, mas sem o mesmo brilho.

Giovanni, do Pará para Barcelona

Quando chegou ao Santos, em 1994, depois de passar por Tuna Luso, Remo, Paysandu e Sãocarlense--SP, o meia Giovanni logo impressionou. Não só por sua altura (1,90 m), mas também pelo vistoso futebol. Muito técnico, com excelente visão de jogo e bons passes, Giovanni chamou atenção também pelas largas passadas, pela facilidade e categoria nas matadas de bola no peito e, é claro, pelos gols. No Peixe, foram 110 em 224 jogos até 1996. No período, levou o Santos à final do Brasileirão de 1995, com uma atuação de gala contra o Fluminense, na semifinal, quando marcou dois gols e deu três assistências na goleada por 5 x 1, que reverteu o placar de 4 x 1. Vendido ao Barcelona em 1996, Giovanni teve também uma ótima passagem pelo time catalão, onde disputou 308 jogos e marcou 105 gols.

Em 1995, pelo Santos, Giovanni foi o craque do Brasileirão

VAMPETADA
"O cara que sai do Santos e vai meter a 10 do Barcelona é muito craque"

© RICARDO CORRÊA

Roberto Carlos em ensaio para a Placar sobre sua força física

© PEDRO RUBENS

O dono da lateral esquerda

Com seu potente chute de esquerda, o veloz e habilidoso Roberto Carlos foi considerado por muitos como o melhor lateral esquerdo do mundo nos anos 90 e 2000. Revelado pelo pequeno União São João--SP, o baixinho (1,68 m) foi para o Palmeiras em 1993, onde ganhou títulos importantes e chegou à seleção brasileira, sendo o sucessor de Branco. Vendido à Inter de Milão em 1995, Roberto Carlos teve um ótimo desempenho no clube italiano (fez sete gols em 34 jogos) e acabou indo depois para o Real Madrid. No clube espanhol, o lateral viveu seu melhor momento e foi eleito o segundo melhor jogador do mundo pela Fifa em 1997.

Taffarel, defendendo um pênalti na final da Copa de 1994

© PEDRO MARTINELLI

Sai que é sua, Taffarel!

Goleiro titular da seleção nas Copas de 1990, 1994 e 1998, Taffarel foi o maior nome brasileiro da posição na década de 90. Jogador de muita técnica e ótimos reflexos, o gaúcho se consagrou como pegador de pênaltis e foi um dos principais responsáveis pelo título da Copa do Mundo de 1994, após defender duas cobranças na final contra a Itália. Em 1998, Taffarel também brilhou na semifinal contra a Holanda, decidida nas penalidades. Figura constante nos jogos da seleção (disputou 104 jogos), Taffarel virou um bordão de Galvão Bueno na Rede Globo, que a cada lance de perigo na área gritava: "Sai que é sua, Taffarel!".

GERAÇÃO DE VITORIOSOS

Perto dos grandes craques eles foram secundários, mas nem por isso os coadjuvantes deixaram de figurar entre as estrelas do futebol brasileiro na década de 90, onde conquistaram muitos títulos

VAMPETADA
"Eu botaria o Bebeto no primeiro escalão. Meu conterrâneo disputou três Copas, fez o La Coruña crescer muito, fazia gols com delicadeza. Jogava muito"

© RICARDO CORRÊA

Bebeto, o parça de Romário

Garoto franzino que chegou cedo ao Flamengo, em 1983, e conquistou o Rio após passagens vitoriosas pelo rubro-negro e pelo Vasco da Gama, Bebeto ganhou novo status na década de 90. Vendido ao La Coruña em 1992, após ser artilheiro do Brasileirão pelo Vasco, o atacante virou ídolo no pequeno clube espanhol, onde jogou por quatro temporadas e marcou 100 gols. Campeão da Copa do Rei em 1995, levou o La Coruña ainda ao terceiro lugar em 1993 e ao vice do Campeonato Espanhol em 1994 e 1995. Pela seleção brasileira, Bebeto também teve grande destaque. Depois de disputar a Copa do Mundo de 1990, virou titular com o técnico Parreira e fez uma ótima dupla com Romário na seleção que ganhou o tetra nos Estados Unidos, em 1994. Foi dele o gol da vitória suada contra os Estados Unidos nas oitavas de final. Experiente, Bebeto disputou ainda os Jogos Olímpicos de 1996, como um dos três jogadores acima de 23 anos, e foi titular também na Copa do Mundo da França, em 1998, aos 34 anos. Na volta ao Brasil, depois do La Coruña, jogou no Vitória, clube onde foi revelado em 1982; Cruzeiro, para a disputa do Mundial Interclubes de 1997; Flamengo, novamente; e Botafogo, em 1998 e 1999.

Bebeto disputou três Copas do Mundo e uma Olimpíada pela seleção brasileira na década de 90

Zinho, de enceradeira a supercampeão

Zinho despontou como ponta-esquerda no Flamengo, em 1986, e teve uma rápida ascensão. Virou titular e figura importante da equipe até 1992, ano em que ganhou seu segundo Brasileirão pelo clube. No mesmo ano, foi vendido para o Palmeiras. Sob o comando de Luxemburgo, Zinho passou a exercer a função de meia. Assim, chegou à seleção brasileira de Carlos Alberto Parreira e virou peça fundamental da equipe na Copa do Mundo de 1994. Ganhou o apelido de "Enceradeira" por ter a característica de receber a bola, girar e iniciar as jogadas ofensivas. Bicampeão paulista e brasileiro pelo Palmeiras, Zinho foi jogar no Yokohama Flügels, do Japão, em 1995, mas dois anos depois estava de novo no elenco do Palmeiras, onde fez parte do time campeão da Libertadores de 1999.

Zinho: titular e campeão da Copa de 1994

© PISCO DEL GAISO

Polêmico, Ronaldo foi titular do Corinthians por dez anos

© PISCO DEL GAISO

Ronaldo, o goleiro chato e falastrão

Em 1988, Ronaldo era o terceiro goleiro do Corinthians, que tinha os dois últimos titulares do Brasil nas Copas: Waldir Peres e Carlos. O primeiro deles, com 37 anos, já não atravessava uma boa fase. Carlos, o titular, acabou depois vendido para a Turquia, abrindo assim espaço para Ronaldo, que estreou num clássico contra o São Paulo logo defendendo um pênalti de Darío Pereyra. Campeão paulista naquele ano, Ronaldo caiu nas graças da torcida e, com seu jeito autêntico e polêmico, não saiu mais do time até 1998. Em dez anos, foi titular absoluto, disputou 602 jogos, ganhou três Paulistas, um Brasileiro e uma Copa do Brasil. Goleiro de boa técnica e bons reflexos, Ronaldo sofreu, porém, com seu temperamento na seleção, onde disputou apenas dois jogos.

Exímio cabeceador, Jardel conquistou a América pelo Grêmio

VAMPETADA
"O Edilson sempre brincava com ele: 'Imagina se você fosse bom com o pé!'. E o Jardel, inocente, respondia: "Pô, fui duas vezes artilheiro da Europa fazendo gols de cabeça"

© EDISON VARA

Jardel: pouca técnica e muitos gols

Centroavante alto (1,88 m), de boa impulsão e boa colocação, Jardel foi revelado pelo Vasco em 1992. Ótimo cabeceador e bom finalizador, o atacante cearense compensava a pouca habilidade e velocidade com muitos gols. Contratado pelo Grêmio, em 1995, Jardel foi o grande nome do time de Felipão na conquista da Libertadores, onde foi o artilheiro com 12 gols. Em grande fase, Jardel foi vendido no ano seguinte ao Porto, onde ganhou o apelido de Super Mário e foi brilhante, marcando 166 gols em 169 jogos. Jardel foi artilheiro e campeão também no Galatasaray-TUR e Sporting-POR, antes de cair bruscamente de produção – jogou em mais 17 times.

Palhinha, o mineirinho pé-quente

Meia-atacante de raciocínio rápido, muita velocidade e habilidade, Palhinha se tornou um dos jogadores mais vitoriosos da década de 90. Revelado pelo América-MG, o jogador, que herdou o apelido de outro craque mineiro dos anos 70, chegou ao São Paulo em 1991. Sob o comando de Telê Santana, o atacante fez parte do time que ganhou nove títulos, entre eles dois Mundiais Interclubes e duas Libertadores, um Paulistão, duas Recopas, uma Supercopa e uma Copa Conmebol. Pouco depois, no Cruzeiro, ganhou dois Mineiros, uma Copa do Brasil e novamente a Libertadores, em 1997. No Grêmio, em 1999, conquistou ainda um Gauchão. Na seleção brasileira, o jogador fez parte do grupo das Eliminatórias da Copa de 1994, foi titular em algumas partidas em 1993, mas acabou cortado por Parreira do grupo que foi ao Mundial.

Palhinha: muitos títulos na década de 90

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© RICARDO CORRÊA

Cafu: fôlego de cinco jogadores, como mostrava a foto de Placar

Cafu, o dono da lateral direita

Quando despontou no São Paulo, em 1990, o lateral direito Cafu logo impressionou por sua velocidade, força física e técnica. No mesmo ano, foi até convocado para a seleção por Falcão. Pouco depois, fez parte do timaço do São Paulo bicampeão mundial, jogando mais avançado, como meia, de forma brilhante. Campeão da Copa em 1994, Cafu teve uma rápida passagem pelo Zaragoza-ESP e voltou ao Brasil para jogar no Palmeiras, onde também teve destaque, principalmente em 1996. Contratado pela Roma em 1997, Cafu foi titular do Brasil na Copa de 1998 e se consagrou como um dos melhores da posição no futebol mundial, antes mesmo de ser campeão da Copa em 2002.

Dida, do Vitória para o Cruzeiro, Corinthians e seleção brasileira

© RICARDO CORRÊA

Dida: frieza, técnica e muitos títulos

Dida começou sua carreira no Vitória, onde ajudou o time a chegar à final do Brasileirão de 1993. Contratado em seguida pelo Cruzeiro, o goleiro ganhou oito títulos pelo clube, entre eles a Libertadores de 1997 e a Copa do Brasil de 1996, com uma atuação memorável contra o Palmeiras na final. Em 1999, chegou ao Corinthians, onde virou ídolo após o Mundial de 2000. Reserva nas Copas de 1998 e 2002 e titular em 2006, Dida fez 91 jogos pela seleção. Alto (1,95 m), de muita segurança e frieza, o comedido baiano brilhou ainda pelo Milan, onde jogou de 2003 a 2011.

Luizão, o matador andarilho

Difícil dizer com qual clube o centroavante Luizão mais se identificou na carreira. Goleador nato, o jogador surgiu muito bem no Guarani, em 1992, atuando ao lado de Edilson, e em 1994, formando dupla com Amoroso. Foi destaque pelo Palmeiras no título paulista de 1996. Passou pelo La Coruña-ESP, antes de chegar ao Vasco, em 1998, onde formou uma ótima dupla de ataque com Donizete na conquista da Copa Libertadores. Em 1999, foi para o Corinthians, onde ganhou o Brasileirão e o Mundial de Clubes. Na década de 2000, Luizão foi ainda campeão da Copa do Mundo de 2002 como reserva e teve boas passagens por Grêmio, Botafogo e São Paulo, onde conquistou novamente a Libertadores em 2005. O centroavante, aliás, é até hoje o brasileiro que mais marcou na história da competição, com 29 gols.

Mazinho, o craque discreto

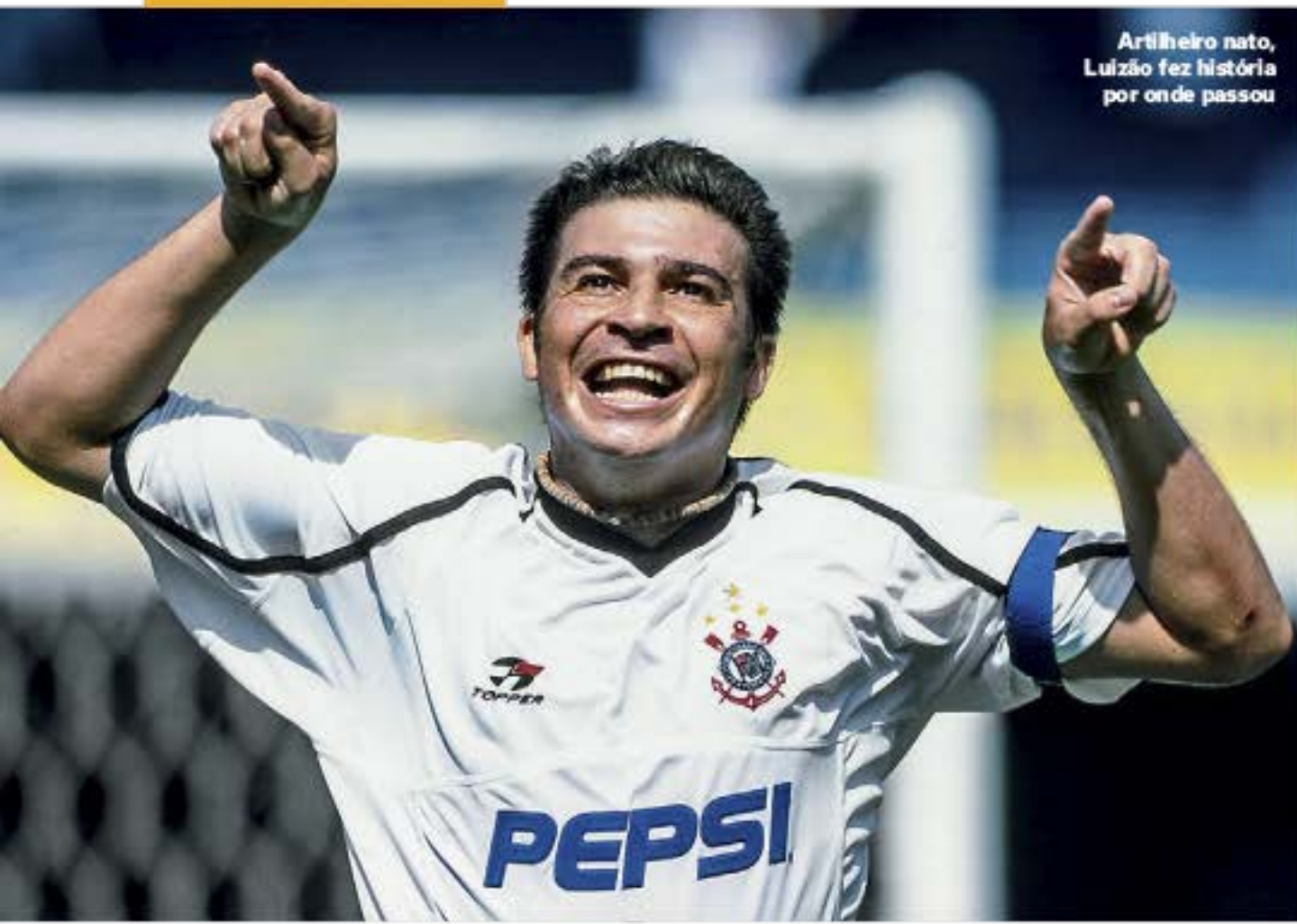
Revelado pelo Vasco em 1985, Mazinho se tornou um dos melhores laterais esquerdos do Brasil e chegou à seleção em 1989. Um ano depois, disputou a Copa do Mundo na Itália e por lá ficou, para defender o Lecce e depois a Fiorentina. Na volta ao Brasil, em 1992, foi para o Palmeiras, já jogando como segundo volante. Na posição, também se consagrou como um dos principais do país. Com bom poder de marcação e muita qualidade na saída de bola, Mazinho fez ótima dupla com César Sampaio no time bicampeão brasileiro e estadual. Na seleção brasileira, cavou seu espaço e foi titular na conquista do tetra em 1994. Depois da Copa, Mazinho foi para a Espanha, onde atuou por Valencia, Celta, Elche e Alavés. Craque, Mazinho é pai de dois grandes jogadores da atualidade: Thiago Alcântara (Bayern Munique) e Rafinha (Barcelona).

VAMPETADA
"Além de Cerezo e Falcão, Mazinho foi um dos jogadores em que eu me espelhei"

Lateral e volante, Mazinho se destacou no Palmeiras e na seleção

Leonardo, polivalente e multicampeão

Leonardo foi um dos jogadores que brilharam na década atuando tanto na lateral quanto na meia. Destaque do Flamengo no fim dos anos 80, Leonardo foi para o São Paulo em 1990 e por lá ganhou o Brasileirão no ano seguinte. Após uma rápida passagem pelo Valencia (em 1992 e 1993), o jogador voltou para o São Paulo, onde brilhou na conquista do Mundial Interclubes de 1993, já atuando como meia. Campeão da Copa do Mundo de 1994, onde acabou marcado pela cotovelada em Tab Ramos, dos Estados Unidos, Leonardo ganhou destaque depois em clubes do exterior – Kashima Antlers-JAP, Paris Saint-Germain-FRA e Milan-ITA. Campeão da Copa América e Copa das Confederações em 1997, Leonardo disputou também a Copa do Mundo de 1998, na França, com a seleção brasileira.

Artilheiro nato, Luizão fez história por onde passou

Leonardo: sucesso no São Paulo, França, Itália, Japão e seleção

SAFRA GENEROSA

Além de Ronaldo, Rivaldo e Roberto Carlos, os anos 90 viram também outros grandes talentos surgirem, como Dener, Denílson e Ronaldinho Gaúcho, que virou nosso principal jogador na década seguinte

© JADER DA ROCHA

Chapéu na estreia da Copa América de 1999 foi o cartão de visita de Ronaldinho, revelado um ano antes pelo Grêmio

© EDISON VARA

O herdeiro do Fenômeno

No fim da década de 90, o Brasil tinha na seleção craques como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Amoroso, Djalminha, Giovanni, Leonardo, Zé Roberto – e qualquer meia ou atacante que surgisse ali teria que jogar muito para achar um espaço. E Ronaldinho Gaúcho, com apenas 19 anos, conseguiu tal proeza. Irmão do meia Assis, o habilidoso jogador revelado pelo Grêmio precisou de poucos jogos no profissional do time gaúcho até ser convocado por Vanderlei Luxemburgo para a Copa América do Paraguai. E na seleção bastaram alguns minutos para o craque mostrar que havia chegado para ficar. Contra a Venezuela, em uma de suas primeiras jogadas, aplicou um chapéu com um toque de calcanhar. No Grêmio, Ronaldinho também precisou de pouco tempo para brilhar. Na final do Campeonato Gaúcho de 1999, o craque usou seu repertório de dribles para entortar a zaga do Internacional. Em um deles, humilhou Dunga com um elástico. No mesmo ano, Ronaldinho foi artilheiro e eleito o melhor jogador da Copa das Confederações. Pouco depois, em 2001, Ronaldinho foi vendido para o PSG, da França, onde ficou até 2003, quando se transferiu para o Barcelona para ser o melhor jogador do mundo em 2004 e 2005.

Dener, talento que se perdeu precocemente

Jogador de pura habilidade, dribles curtos e muita velocidade, Dener surgiu para o futebol na Copa São Paulo de Juniores, em 1991, quando levou a Portuguesa ao título. Com 20 anos, logo subiu para o time principal da Lusa e foi comparado a vários craques, inclusive Pelé, depois de marcar um belo gol contra a Inter de Limeira, pelo Paulistão, quando enfileirou a zaga adversária, partindo do meio-campo. No mesmo ano, foi chamado pelo técnico Falcão para disputar a Copa América e estreou contra a Argentina, em Buenos Aires. Desejado pelos grandes clubes, Dener foi emprestado para o Grêmio em 1993, por apenas três meses, e depois para o Vasco, em 1994, onde fez apenas 17 jogos antes de sofrer um acidente fatal de carro, pouco depois de completar 23 anos.

Dener, da Lusa: morte aos 23 anos

VAMPETADA
"Acho que não teria um grande futuro na seleção. Tinha muito jogador bom... Edmundo, Ronaldo, Edilson. Ele era mais um daqueles fumaças. Teria que jogar muito para superar os outros"

© NELSON COELHO

Denílson: um dos maiores dribladores do mundo

© RICARDO CORRÊA

Denílson: dribles e venda recorde

Em 1993 e 1994, o São Paulo esteve envolvido em várias competições simultâneas e aproveitou para colocar em campo o chamado "Expressinho Tricolor", seu time reserva, recheado de jogadores da base e treinado por Muricy Ramalho, ainda auxiliar do técnico Telê Santana. E um dos grandes destaques desse time foi o habilidoso driblador Denílson, que ajudou o time a conquistar a Copa Conmebol com apenas 17 anos. Promovido depois ao profissional, Denílson teve seu grande momento em 1998, no Paulistão, quando compôs um ótimo ataque ao lado de Dodô e Aristizábal e levou o Tricolor ao título. No mesmo ano, foi vendido ao Betis, da Espanha, por 32 milhões de dólares, sendo o jogador mais caro da história do futebol, e ainda disputou a Copa do Mundo como reserva.

VAMPETADA
"Foi realmente o mais injustiçado desses. Foi o maior meia que já marquei"

Alex: revelado no Coritiba e consagrado no Palmeiras

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Alex, o genial meia injustiçado na seleção

Uma das maiores revelações do Coritiba, o talentoso e goleador meia Alex jogou apenas dois anos pelo clube paranaense até ser contratado para ser o camisa 10 e cérebro do Palmeiras de Felipão. No time paulista, virou ídolo após ganhar a Copa do Brasil, Copa Mercosul, Copa Libertadores e Rio-São Paulo, nessa sequência, entre 1998 e 2000. Sem espaço na seleção da Copa de 1998, Alex era nome certo na equipe de 2002, justamente do técnico Felipão, mas acabou ficando de fora para surpresa geral. Melhor jogador do Brasil em 2003, quando deu ao Cruzeiro a tríplice coroa, o meia virou ídolo também depois no Fenerbahçe, da Turquia.

A VEZ DOS BONITINHOS

Se nos anos 80 o sucesso estava com os bonitões, nos anos 90 foram os rapazotes, bonitinhos, fortinhos ou franguinhos e bem-remunerados que faziam sucesso com as mulheres e ditavam o estilo

Placar juntou os gatinhos dos anos 90 para um ensaio fotográfico com lindas modelos. Caio Ribeiro, na época no São Paulo, era o preferido e fazia muito sucesso com as meninas. Caio namorou beldades e, em seguida, transferiu-se para a Inter de Milão. Outro jogador queridinho era o meia Jamelli, que jogava no Santos. O tipo loiro encantava fora dos gramados. Mais maduro que os demais, na foto abaixo, mas um tipo amante latino bem assediado, o volante argentino Mancuso, então jogador do Palmeiras, era quem arrancava suspiros da mulherada.

O ex-volante Zé Elias não era dos mais lindos, mas representava bem o tipo gatinho. Zé era muito bem humorado, gente fina mesmo, e compensava a falta de belezura extrema com esses atributos. As meninas adoravam o atleta, que jogava no Corinthians.

Menos midiático que os demais colegas, o goleiro Wellerson era o gatinho do Fluminense, em 1995, em contraste com o bonitão Renato Gaúcho, no comando do ataque tricolor.

Os mais desejados de 1995: o ex-centroavante Caio Ribeiro, hoje comentarista da TV Globo, era o queridinho daquela época

VAMPETADA
"Joguei com o Wellerson no Fluminense. Não era gatinho, não. Ele era queixudão..."

© ANDRÉ SCHILIRÓ

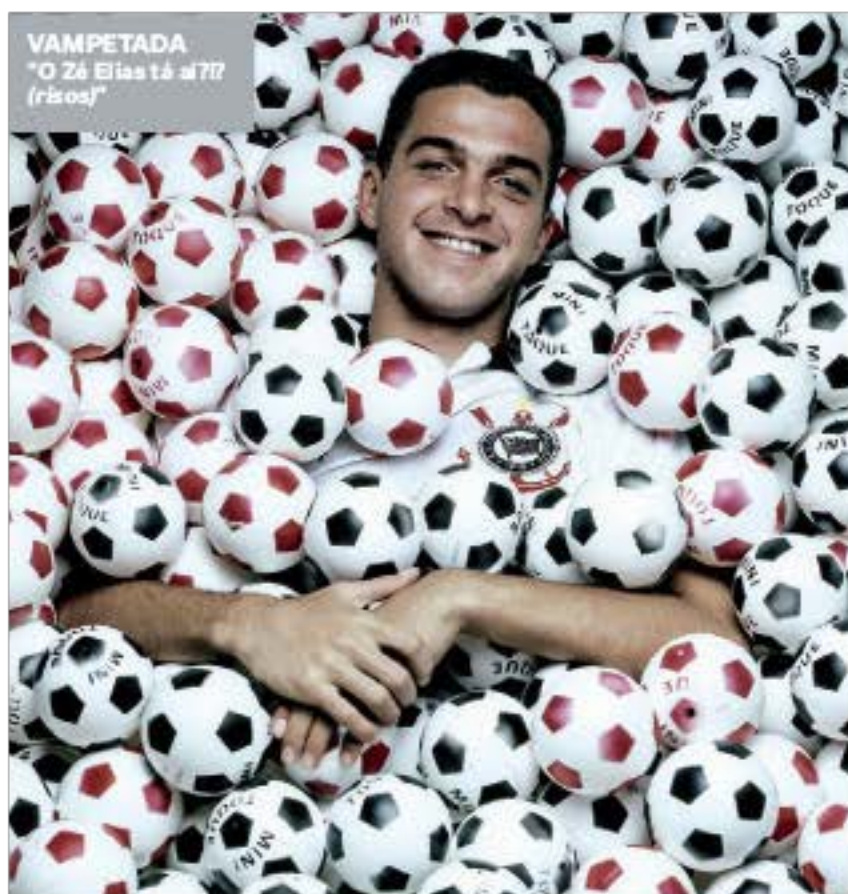
VAMPETADA
"Ele tá melhor hoje do que naquela época"

Estilo europeu

O atual comentarista global Caio Ribeiro se transferiu para a Itália, em 1995, para jogar na Inter de Milão, após disputar com sucesso o Mundial sub-20 pela seleção brasileira.
Se na Itália Caio não emplacou na bola, pelo menos aprimorou seu estilo. Numa das capitais mundiais da moda, subiu um patamar nos looks. Sem muitas oportunidades na Internazionale, Caio acabou se transferindo para o Napoli.

VAMPETADA
"O Sávio? Não. Tá de brincadeira?"

O Zé da Fiel

Em outubro de 1995, Zé Elias estrelou uma capa de Placar que o chamava de "O novo Reizinho do Parque", num alusão a outro antigo ídolo, Rivellino. Na reportagem, Placar destacava que Zé era ídolo da torcida, queridinho das mulheres, xodó da família e do então técnico da seleção, Zagalo, mas ainda assim lutava para fugir à fama de violento.

VAMPETADA
"O Zé Elias tá aí?!? (risos)"

Os rubro-negros

No início dos anos 90, o Flamengo consagrou dois jovens ídolos, o lateral Leonardo e o atacante Sávio. Leonardo era o típico gatinho: corpo franzino, jeito leve e muito educado. Já Sávio, que era mais tímido e igualmente franzino, passou por um processo de ganho de massa muscular, ao estilo Zico.

RONALDINHAS, MUSAS E NAMORADAS

A década de 1990 revelou ao Brasil muitas musas, uma série de namoradas do Fenômeno e garotas boas de bola

Modelo, atriz e boa de bola

Susana Werner, mulher do goleiro Júlio César, atualmente no Benfica, de Portugal, foi jogadora do Fluminense. Era atacante, capitã e artilheira da equipe, em 1997. Susana ficou conhecida, também, por ser namorada de Ronaldo Fenômeno. Como atriz atuou em *Malhação*, na Globo.

VAMPETADA
"Sempre achei uma mulher muito bonita, muito gata mesmo"

© RICARDO CORRÊA

VAMPETADA
"Vivi era muito linda, minha amiga"

© RICARDO CORRÊA

Na cola do Fenômeno

Milene Domingues (acima produzida como Batgirl pela Placar) era a "Rainha das Embaixadinhas". Em 1997 entrou para o Livro dos Recordes por fazer 55197 embaixadinhas em 9 horas e 6 minutos. A fama com a bola a aproximou de Ronaldo, e eles se casaram em 1999. Tiveram um filho, Ronald, num casamento de quatro anos. O Fenômeno consagrou outras duas jovens no período. A mais famosa foi Viviane Brunieri, que namorou o craque por 10 meses, em 1996. Bastou para que, junto de outra ex-namorada do craque, Nadia França, posassem para a *Playboy* com a alcunha "Ronaldinhas".

VAMPETADA
"Uma das mulheres mais bonitas que já vi na vida. Parece uma Barbie"

© RICARDO CORRÊA

A juíza mais gata do Brasil

A catarinense Cleidy Mary foi considerada a juíza de futebol mais bonita do Brasil. Em 1996, ela atuava como bandeirinha nos jogos profissionais do Campeonato Catarinense e como árbitro principal nas divisões inferiores. Cleidy foi assistente nos quadros da CBF por 20 anos e da Fifa por 16 anos. Em 2000 apitou o jogo de abertura do futebol feminino na Olimpíada de Sydney. Cleidy causava reboliço entre os marmanjos torcedores e jogadores naquela época.

Musa dos craques e do anúncio

A ex-modelo Mari Alexandre (acima) fez sucesso na década de 90. Capa de revistas masculinas, era considerada uma das mulheres mais sexies do Brasil. Namorou os ex-jogadores Denílson, Juninho Paulista e Cicinho. Ficou mais famosa por se casar com o cantor Fábio Júnior. Outra mulher que fez sucesso como musa dos anúncios da marca de roupas 775, nas capas de Placar, foi Vera Viel, hoje casada com o apresentador Rodrigo Faro.

© RICARDO CORRÊA

VAMPETADA
"Também bonita, mas o Romário fez muito mais sucesso"

A craque, a esposa e a namorada

Em 1997, o Fluminense montou um time de futebol feminino com muitas mulheres bonitas. Entre elas a atacante, Fernanda Chuquer (acima), que também jogava futevôlei nas areias do Rio. Mônica Santoro (acima, à direita) casou-se com o craque Romário, aos 17 anos, em 1988. A união durou sete anos e tiveram dois filhos. Bonita, Mônica afirmava que Romário era extremamente ciumento. O ex-jogador e atual comentarista Caio Ribeiro namorou uma das mulheres mais bonitas da época, a modelo Aline Moreira, capa das revistas *Nova* e *Capricho*.

MAIS CARINHO AOS ANIMAIS

Uma capa histórica da Placar dizia: "O animal precisa de carinho". Ela se tornou simbólica numa época em que jovens instáveis dentro e fora de campo e bons malandros dominavam a cena no futebol

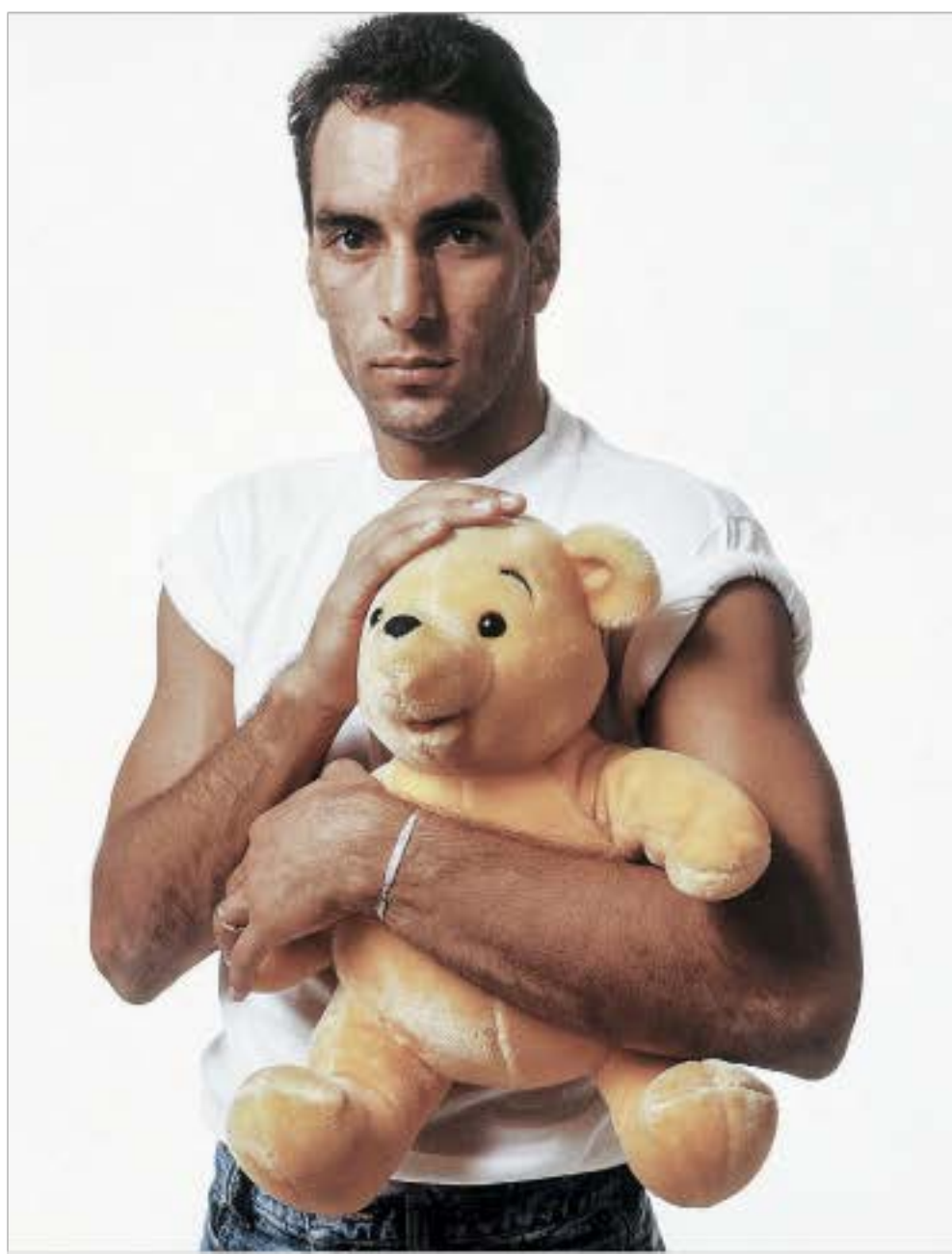
Nos anos 90, a mídia estava definitivamente mais empenhada na cobertura do futebol, numa construção mais realista dos ídolos. Mostrar as vísceras do comportamento já não era mais um tabu entre os jogadores. Nesse contexto surge Edmundo, que ganhou o apelido de Animal da torcida palmeirense, em 1993, após ser eleito inúmeras vezes o melhor da partida pelo locutor Osmar Santos, que denominava o craque do jogo de "animal". Suas atuações diferenciadas e o comportamento extracampo colaram "Animal" à imagem do craque até hoje.

Edmundo foi o maior exemplo de bad boy da década. No Palmeiras, envolveu-se em algumas brigas célebres – algumas vezes, provocado; outras tantas, por iniciativa própria. Na final do Paulista de 1993, por exemplo, recebeu um soco de um adversário corintiano e revidou instantes depois, num lance na lateral, com uma voadora no atacante Paulo Sérgio, do Corinthians. Em 1994, envolveu-se numa briga generalizada num jogo contra o São Paulo, intitulado ironicamente de Clássico da Paz. Edmundo atingiu com um soco o lateral são-paulino André, que acabou prestando queixa em uma delegacia. Em 1995, Edmundo empurrou um repórter e chutou a câmera de um cinegafista quando tentavam entrevistá-lo na saída de campo pela Taça Libertadores, no Equador. Mas seu pior episódio foi em 1995, quando jogava pelo Flamengo, onde, ao lado de Romário, compôs o chamado "ataque dos sonhos" e, junto do Baixinho, gravou o "rap dos bad boys". Na região da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, envolveu-se num acidente que resultou na morte de três pessoas. Em 1999, após uma condenação de quatro anos e meio por homicídio culposo, o Animal chegou a passar um noite preso, mas foi solto por um habeas corpus. Em 2011, após inúmeros recursos, o STF julgou prescrita a pena imposta ao craque e ele se livrou do processo.

Outro bad boy do período foi o craque Djalminha. Polêmico, não se intimidava com árbitros e treinadores, tanto que acertou uma cabeçada em seu técnico no Deportivo La Coruña, Javier Irureta, em 2002, durante um treino. Acabou afastado do clube, emprestado ao Austria Wien por uma temporada.

Outros destaques ficaram por conta dos malandros, não tão bad boys, mas igualmente polêmicos. Como os provacadores Paulo Nunes e Edílson, que foram os protagonistas de uma pancadaria na final paulista de 1999, entre Palmeiras e Corinthians.

Júnior Baiano era um tipo misto, as vezes bad, as vezes mais malandro. Marcador implacável, abusava do jogo violento. Em 1995, gesticolou e afirmou que o árbitro José Roberto de Godoy estava bêbado, ao expulsar seu colega de time, Rogério. Júnior se desculpou pela frase, mas o ato lhe rendeu processo e suspensão. Agora malandro, malandro mesmo(até os dias de hoje) eram Viola e Vampeta. Sempre sacaneando colegas e abusando do bom humor. Vampeta fazia muito sucesso com as mulheres, especialmente em sua passagem pela Holanda.

A foto do "Animal" na capa da Placar, com um singelo ursinho, fez enorme sucesso pelo contraste entre a imagem agressiva e o gesto tão delicado, indicando que o craque talvez fosse mal compreendido e só precisava de carinho

©BOB WOLFENSON

O craque Vampeta fazia sucesso com as mulheres

VAMPETADA
"Quem é essa mulher aqui, rapaz?"
"Não era tão bad boy assim. Era mais irreverente. Recuperei um cinema na minha cidade, posei nu, dei cambalhota na rampa"

© ARQUIVO PLACAR

Júnior Baiano em briga com a salsicha, quando jogava na Alemanha

© PISCO DEL GAISO

Paulo Nunes: criador de inúmeras comemorações temáticas

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Edílson e a Timbalada

© MAURÍCIO NAHAS

Djalminha era impetuoso e às vezes agressivo, mas muito bom de bola

VAMPETADA
"Continua louco até hoje"

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Viola encarnou o malandro para as lentes da Placar

© ORLANDO KISSNER

NOSSAS MELHORES FANTASIAS

Na década de 1990, Placar convocou os craques do futebol para viverem personagens divertidos do cinema e do entretenimento, com muito humor acima de tudo

Tricolor valente

Em 1995, Renato Gaúcho foi caracterizado de William Wallace, herói medieval da Escócia, retratado num filme de grande sucesso protagonizado e dirigido por Mel Gibson. Renato era a própria imagem do guerreiro, já que naquele ano deu o título carioca ao Fluminense, na final contra o Flamengo, com um improvável gol de barriga, na base da raça.

Rogério Ceni

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Cléber

© RICARDO CORRÊA

Luizão

VAMPETADA
"Esse caiu bem. Era matador mesmo"

© MAURÍCIO NAHAS

Antônio Carlos

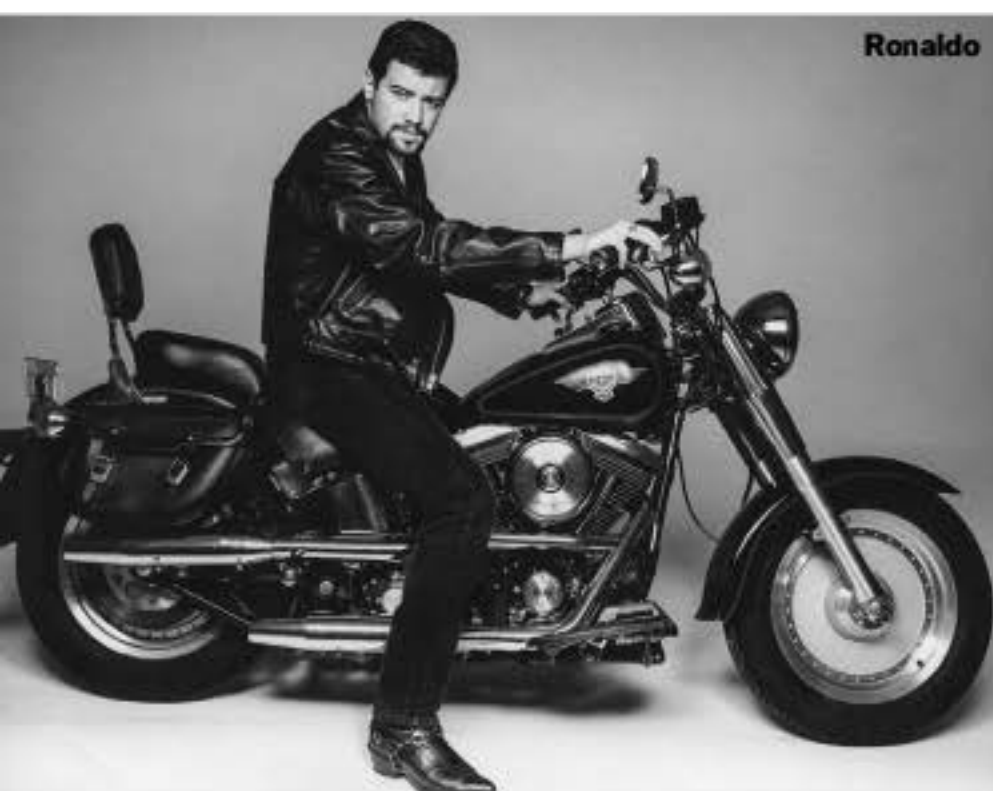
VAMPETADA
"Será que tinha tanto truque assim para ser o Máscara?"

© RICARDO CORRÊA

E o Oscar vai para...

Placar exigia, muitas vezes, performances dos boleiros que iam além dos gramados. Os craques eram retratados em reportagens interpretando personagens de filmes, do entretenimento e até de outros esportes. Desafiamos, por exemplo, o jovem goleiro Rogério Ceni a encarar a meta do hóquei sobre patins. Foi tudo mais cênico, com o perdão do trocadilho, já que o goleirão não conseguia ficar em pé sobre as rodinhas. O zagueirão Cléber, conhecido como "Clebão", atacou de *Mortal Kombat*, grande lançamento nos cinemas em 1995. O ex-zagueiro e atual treinador Antonio Carlos Zago encarou a maquiagem e o figurino inspirados no Máscara, personagem interpretado orginalmente por Jim Carrey nos cinemas. Já o centroavante Luizão, em tempos politicamente menos corretos que os atuais, posou de matador.

Craques sem filtros

Alguns jogadores não tinham filtros e assumiam suas características de forma sincera. O ex-goleiro Ronaldo posou com um visuall rock and roll – e não foi à toa. Ronaldo é, até hoje, vocalista da banda Ronaldo e os Impedidos, inclusive com CDs gravados. Em entrevista a Placar, contou que não se importava com a fama de mau e que até se orgulhava de fazer parte do time dos encrenqueiros da bola. Contou ainda que fumava, gostava de uísque e mostrou que andava armado. Com Jardel, Placar brincou com a fama de "craque com sobra" e produziu um calção gigante para o ex-centroavante. Com Túlio, nós o chamamos de "A alegria do Timão" numa brincadeira com Mickey Mouse. Já Paulinho McLaren ria com o próprio apelido ao entrar num carrinho de brinquedo de Fórmula 1.

Ronaldo

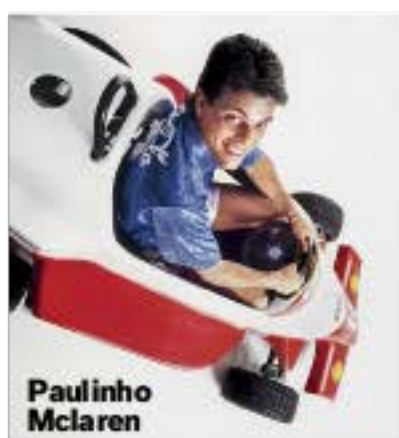
© ANDRÉ SCHILIRO

VAMPETADA
"Os dois (Edmundo e Ronaldo) ficaram muito bem de roqueiros. Bad boys, tudo a ver"

© RICARDO CORRÊA

Jardel

VAMPETADA
"Craque com short ou sorte?" *(risos)*

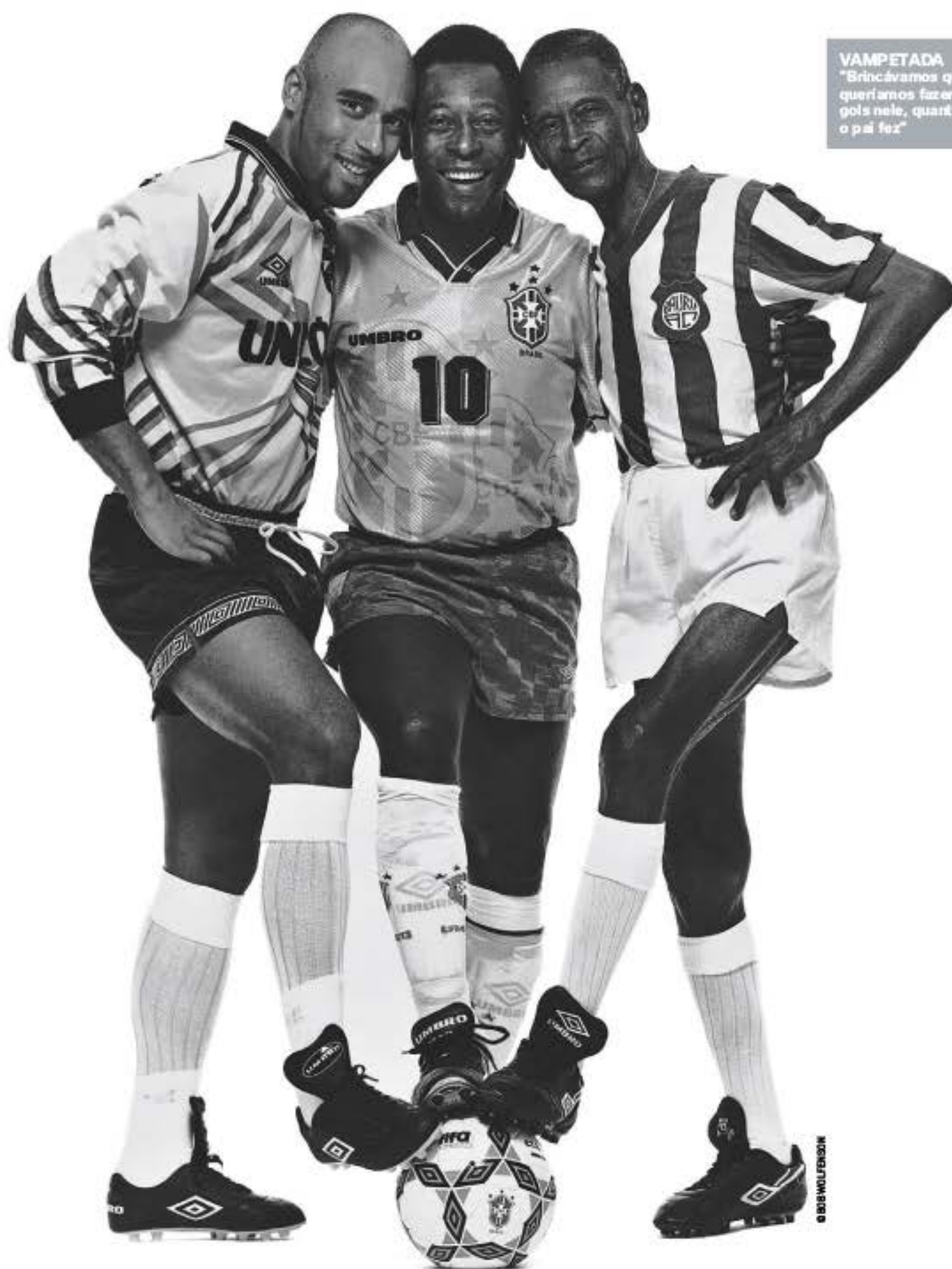
© PEDRO RUBENS

Paulinho Mclaren

© RICARDO CORRÊA

Túlio

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Edmundo, a fera do rock

O espírito de Elvis Presley baixou em Edmundo para gravar o comercial da campanha de lançamento da Placar, com o slogan "Futebol, Sexo e Rock and Roll". Foram cinco horas de gravações com plateia de verdade, e o "Animal" encarou tudo com muito bom humor e música na veia. Os fãs e torcedores presentes não acreditaram na performance do craque e foi difícil conter os mais ousados, que tentaram agarrar o jogador, como ocorria com os astros da música de verdade.

VAMPETADA
"Brincávamos que queríamos fazer tantos gols nele, quanto o pai fez"

© BOB WOLFENSON

A família Arantes do Nascimento

Placar promoveu uma foto histórica e juntou Pelé, o Rei do Futebol, seu pai e inspirador, Dondinho, e Edinho, então goleiro do Santos. Avô, filho e neto foram clicados com os uniformes que consagraram o sobrenome da família. Pelé vestiu o uniforme da seleção, Edinho, sua própria camisa de goleiro do Santos e Dondinho, o uniforme do BAC (Bauru Atlético Clube), onde jogou quando jovem e onde seu filho, Pelé, foi revelado, jogando pelo Baquinho, apelido carinhoso das categorias de base do clube. A foto foi realizada por um santista, o brilhante fotógrafo Bob Wolfenson.

GERAÇÃO VENCEDORA

Com tantos campeonatos em disputa, os bons técnicos foram à forra e ganharam títulos e mais títulos. Na seleção, quase todos os treinadores que por lá passaram no período foram vencedores

Telê ganhou dois mundiais e duas Libertadores pelo São Paulo

©RICARDO CORRÊA

Telê Santana, o pé-frio que ganhou tudo

Campeão brasileiro pelo Atlético-MG em 1971, Telê Santana passou um bom período sem conquistar títulos de expressão no país, vencendo apenas o Gaúcho de 1977, pelo Grêmio, e o Mineiro de 1988, pelo Atlético-MG. Conhecido por formar grandes times, quase todos muito ofensivos, Telê ficou com a fama de pé-frio após perder duas Copas do Mundo seguidas com a seleção, em 1982 e 1986. Mas na década de 1990, porém, Telê finalmente conseguiu sua consagração – e com dificuldades no início. Em 1990, o técnico assumiu o São Paulo, que foi mal no Paulistão (para muitos, rebaixado, embora não oficialmente) e foi vice-campeão brasileiro. No ano seguinte, porém, Telê deu início ao ciclo vencedor com o supertime que montou no São Paulo. Ganhou o Brasileiro no primeiro semestre e o Paulistão no fim do ano. Em 1992, ganhou, na sequência, a Libertadores, o Paulistão e o Mundial Interclubes em cima do Barcelona-ESP de Johan Cruyff. No ano seguinte, ganhou novamente a Libertadores, levou a Supercopa e a Recopa e no fim do ano bateu o Milan-ITA, de Fabio Capello, na final do Mundial. Apelidado de mestre pela torcida são-paulina, Telê deixou o clube e o futebol em 1996 após sofrer uma isquemia cerebral. Dez anos depois, morreu aos 74 anos.

Parreira, o pragmático vencedor

Ex-preparador físico da seleção de 1970, Parreira realizou trabalhos pontuais e vencedores no Brasil. Em sua estreia como técnico, foi campeão carioca em 1975, com o Fluminense, apelidado de Máquina Tricolor. Em 1984, depois de passar cinco anos dirigindo a seleção do Kuwait (com a qual disputou a Copa de 1982), Parreira voltou para ser campeão brasileiro pelo Flu. Depois disso, ficou mais seis anos na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes, disputando a Copa de 1990, e voltou em 1991 para ser vice-campeão brasileiro pelo Bragantino. Em seguida, assumiu a seleção brasileira, com que conquistou a Copa de 1994, com seu estilo que ficou conhecido como pragmático (de resultados e sem brilho). Depois disso, rodou por vários clubes e seleções, sendo contestado muitas vezes, como na Copa de 2006.

A volta do velho lobo Zagallo

Nascido em 1931, o ex-ponta-esquerda Zagallo virou técnico em 1966, aos 35 anos, quando assumiu o Botafogo. Depois disso, levou o Brasil ao título da Copa de 1970 e dirigiu a seleção no mundial seguinte, em 1974, quando foi chamado de defasado. Em 1991, aos 60 anos, virou auxiliar de Parreira e ajudou a seleção a conquistar o tetra nos Estados Unidos, em 1994. Em alta, foi chamado para a CBF após a Copa para ser novamente técnico da seleção. Com seu estilo folclórico, de pouco conhecimento dos adversários e extremamente patriótico, Zagallo era igualmente amado e odiado. Com a seleção, perdeu a Olimpíada em 1996 e foi campeão da Copa das Confederações e da Copa América, em 1997, quando eternizou o grito "vocês vão ter que me engolir!". Foi ainda vice-campeão da Copa de 1998 e depois teve uma rápida passagem pela Portuguesa.

Em 1997, Zagallo festejou o título da Copa América

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Luxa, do céu ao inferno com a seleção

Apesar de começar sua carreira de técnico cedo, em 1983, no Campo Grande, do Rio de Janeiro, Luxemburgo só foi ter destaque na década de 1990, quando levou o pequeno Bragantino ao inédito título paulista. Bicampeão brasileiro e estadual com o Palmeiras, em 1993 e 1994, Luxa tornou-se um dos principais e mais desejados treinadores do país, com seus times ofensivos. Em 1995, fracassou com o Flamengo no ano do centenário, mas depois deu a volta por cima com o Palmeiras em 1996, o Santos em 1997 e o Corinthians em 1998, onde foi campeão brasileiro no semestre em que assumiu o cargo de técnico da seleção. No ano seguinte, ganhou a Copa América de forma brilhante no Paraguai. Em 2000, porém, depois de perder a Olimpíada, foi demitido da seleção.

Campeão do mundo: festa para Parreira em 1994

© PEDRO MARTINELLI

Luxemburgo assumiu a seleção em 1998 no lugar de Zagallo

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Autuori, o teórico de sucesso

Formado em educação física e sem nunca ter sido jogador profissional, Paulo Autuori treinou equipes pequenas do Brasil no início dos anos 80 e depois passou quase dez anos em Portugal, também dirigindo times sem grande expressão. Voltou ao Brasil em 1995 para treinar o Botafogo e, com seu discurso de fala difícil e vocabulário destoante do dos boleiros, Autuori realizou um ótimo trabalho, levando o Fogão ao inédito título brasileiro. Prestigiado, o treinador conseguiu dois anos depois vencer a Libertadores e o Mineiro com o Cruzeiro, ganhando fôlego para dirigir grandes equipes nas duas décadas seguintes, onde não teve o mesmo destaque, com exceção de 2005, quando levou o São Paulo ao título da Libertadores e do Mundial de Clubes.

Autuori: títulos importantes com Botafogo e Cruzeiro

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

A primeira família Scolari, no Grêmio de 1995

© EDISON VARA

Felipão, o especialista em copas

Gaúcho de fala mansa, irônica e pausada, Felipão mostrou-se um grande líder, motivador e estrategista, principalmente nos torneios de mata-mata. Primeiro, com o surpreendente Criciúma, que bateu o Grêmio em 1991 na decisão da Copa do Brasil. Depois, com o próprio tricolor gaúcho, voltando a vencer o torneio em 1994 e dando início a um ciclo incrível de conquistas. Em 1995, ganhou o Gaúcho e a Libertadores. Em 1996, faturou novamente o Estadual e ganhou ainda a Recopa e o Brasileirão. Contratado pelo Palmeiras em 1997, repetiu as principais conquistas e foi campeão da Copa do Brasil e Mercosul (1998), Libertadores (1999) e Rio-São Paulo (2000). Avesso às críticas e truculento nas coletivas de imprensa, Felipão passou ainda pelo Cruzeiro antes de chegar à seleção brasileira, onde teve seu auge na conquista da Copa do Mundo de 2002.

Antônio Lopes: campeão da América com o Vasco

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Antônio Lopes, o delegado supercampeão

Como jogador, Antônio Lopes teve uma carreira curta, entre 1958 e 1962, no Olaria e no Bonsucesso. Formado em Educação Física, o ex-delegado começou como técnico em 1980 e ganhou seu primeiro título em 1982, quando foi campeão carioca pelo Vasco em cima do Flamengo de Zico. Identificado com o Vasco, o qual treinou seis vezes, Lopes foi um dos técnicos mais vitoriosos na década seguinte, sendo campeão gaúcho e da Copa do Brasil pelo Inter (1992), e paranaense pelo Paraná (1996). No Vasco, onde viveu seu melhor momento, foi campeão brasileiro (1997), Carioca (1998), da Libertadores (1998) e do Torneio Rio-São Paulo (1999).

OS MELHORES DO MUNDO

Em 1991, a Fifa passou a premiar o melhor jogador de cada temporada. Além dos brasileiros Romário, Ronaldo e Rivaldo, outros grandes nomes, entre europeus e africanos, também foram coroados

© RICARDO CORRÊA

Zidane, o carrasco brasileiro

Francês de origem argelina, Zidane teve um início de carreira sem tanto brilho. Revelado aos 16 anos pelo Cannes, o talentoso meia foi depois para o Bordeaux, onde ficou até 1996. Com então 24 anos, transferiu-se para a Juventus após a Eurocopa e desde então se firmou como um dos grandes nomes do futebol mundial. Pelo time italiano, ganhou o Mundial Interclubes, foi bicampeão italiano e chegou à final de Liga dos Campeões. Em 1998, Zizou chegou à Copa do Mundo como camisa 10 de sua seleção e como grande estrela do anfitrião. Mas após a expulsão na estreia diante da Arábia Saudita, Zidane pegou dois jogos de suspensão e foi apontado como uma das maiores decepções da primeira fase do Mundial. Porém, nos mata-matas, o craque arrebentou e, infelizmente, para nós, teve uma atuação de gala na final contra o Brasil. Autor de dois gols de cabeça no primeiro tempo, Zizou desfilou seu futebol genial, com toques precisos e dribles curtos e desconcertantes e foi o grande nome da final vencida pelos franceses por 3 x 0. Eleito o melhor do mundo em 1998, Zidane voltou a assombrar o Brasil na Copa de 2006 e foi novamente escolhido como craque do ano pela Fifa em 2000 e 2003, quando já defendia o Real Madrid.

Zidane nunca havia marcado um gol de cabeça, mas na final da Copa do Mundo de 1998, contra o Brasil, fez logo dois

Figo, o craque de Barça e Real

Depois de Eusébio, atacante do Benfica que foi comparado a Pelé nos anos 60 por seu ótimo futebol, os portugueses voltaram a ter um novo craque que figurou entre os melhores do mundo na década de 90: Luis Figo. Revelado pelo Sporting, o meia ganhou projeção mundial quando chegou ao Barcelona, em 1995. Com um chute preciso de direita e dono de ótimos passes, Figo fez ótimas parcerias no clube catalão, jogando ao lado de nomes como Hagi, Stoichkov, Ronaldo e Rivaldo, e foi bicampeão nacional. Em 2000, causou um rebuliço na Espanha ao trocar o Barça pelo rival Real Madrid pela exorbitante cifra de 60 milhões de euros – valor recorde de transferência no futebol mundial na época. No mesmo ano, foi eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa.

O português Figo, pelo Barcelona: amor e ódio

VAMPETADA
"Não colocaria. Foi o melhor do mundo, mas não acho tudo isso"

© STELLAN DANIELSSON

Beckham: estrela dentro e fora de campo

© STELLAN DANIELSSON

Beckham, mais do que um galã

Revelado pelo Manchester United, onde tornou-se ídolo e ícone de uma geração, o meia David Beckham foi também um dos queridinhos da seleção inglesa na década de 90. Com pinta de modelo e pop star, Beckham consagrou os metrossexuais no futebol e se casou com Vitoria, ex-Spice Girl, em 1999. Em campo era raçudo e eficiente nos lançamentos e cruzamentos. Ganhou os principais títulos pelo Manchester United (Mundial, Liga dos Campeões, Inglês e Copa da Inglaterra), sempre como um dos protagonistas. Foi vendido em 2003 ao Real Madrid, onde fez parte do time dos galácticos, ao lado de Ronaldo, Figo e Zidane.

O alemão Matthäus (à esquerda): futebol em alto nível por 20 anos

© SPORTING HEROES

Matthäus, o alemão incansável

Com currículo invejável, Lothar Matthäus tornou-se exemplo de eficiência e longevidade no futebol. Revelado em 1979, aos 18 anos, o habilidoso meia foi ídolo por onde passou (Borussia Moenchengladbach, Internazionale e Bayern Munique). Mas ficou marcado mesmo por sua trajetória na seleção alemã, onde quebrou recordes. Um dos três jogadores a disputar cinco Copas do Mundo, Matthäus é também o jogador com mais partidas no torneio (25). Campeão em 1990, como capitão, e vice em 1982, 1986 e 2002, é o recordista de jogos (150) pela seleção alemã. Em 1991, foi eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa.

Shearer, o artilheiro nato

Após o sucesso de Gary Liniker nos anos 80 e início da década de 90, o futebol inglês viu surgir outro grande goleador: Alan Shearer. Apesar de não ter a mesma qualidade técnica de Liniker, o centroavante brilhou com seus gols. Artilheiro do Campeonato Inglês por três temporadas seguidas (1995, 1996 e 1997), Shearer é até hoje o maior goleador da Premier League desde seu novo formato, em 1992, com 260 gols. Campeão pelo pequeno e surpreendente Blackburn em 1995, Shearer foi vendido no ano seguinte ao Newcastle, onde tornou-se ídolo durante dez anos. Pela seleção inglesa, marcou 30 gols e foi artilheiro da Euro de 1996 com 5 gols. No mesmo ano, foi eleito o terceiro melhor jogador do mundo pela Fifa, atrás de Ronaldo e Weah.

Shearer: recordista de gols na Inglaterra desde 1992

© SPORTING HEROES

Raul, goleador e ídolo não só do Real

Cria do Real Madrid, Raúl foi um dos símbolos da equipe durante quase duas décadas. Artilheiro, muito participativo e supercampeão, o atacante estrou no profissional em 1994 e por lá ficou até 2010, quando deixou o time como o jogador com mais partidas disputadas (741) e gols feitos (323), até 2015, quando foi superado por Cristiano Ronaldo. Terceiro maior artilheiro da Liga dos Campeões, atrás apenas dos fenômenos Messi e Cristiano Ronaldo, Raúl conquistou 16 títulos pelo Real, sendo três Champions League. Na seleção espanhola, Raúl também fez história. Pela Fúria, disputou as Copas de 1998, 2002 e 2006, a Euro de 2000 e 2004, marcou 44 gols, disputou 102 jogos e se tornou o maior artilheiro, sendo ultrapassado depois por David Villa.

Roberto Baggio: talento do Milan e da seleção italiana nos anos 90

© STELLAN DANIELSSON

Baggio, o craque da Azurra

Atacante habilidoso, técnico e goleador, Roberto Baggio foi um jogador acima da média para os padrões de um italiano. Destaque da Fiorentina nos anos 80, Baggio foi para a Juventus em 1990, após a Copa do Mundo, e foi eleito pela Fifa o melhor do mundo em 1993. No auge, Baggio brilhou na Copa de 1994, quando fez cinco gols e foi o responsável por levar a Azurra à final. O atacante, porém, desperdiçou a chance de se consagrar quando chutou para fora seu pênalti decisivo na final contra o Brasil. Depois disso, Baggio passou ainda com destaque por Milan, Bologna e Internazionale, antes de jogar mais uma Copa, em 1998.

Raúl: brilho e muitos gols com a camisa do Real Madrid

© STELLAN DANIELSSON

OUTROS DESTAQUES

© BEST PHOTO

Stoichkov

Meia búlgaro de técnica refinada, Stoichkov saiu do CSKA Sófia para o Barcelona em 1990. Lá, foi o grande nome do time do técnico Johan Cruyff, campeão da Liga dos Campeões de 1992. Já em 1994, com a seleção, foi um dos melhores da Copa do Mundo.

© STELLAN DANIELSSON

Bergkamp

Não foi só pelo medo de voar de avião que o holandês Bergkamp ficou marcado. Com uma qualidade técnica impressionante, visão de jogo e muitos gols, o atacante brilhou pelo Ajax, Inter de Milão, Arsenal e seleção holandesa – nas Copas de 1994 e 1998.

© STELLAN DANIELSSON

George Weah

Talvez o único jogador da Libéria com destaque no futebol mundial, o atacante George Weah conseguiu a proeza de ser o melhor do mundo em 1995, quando defendia o Milan. Atacante de boa técnica e força física, Weah jogou com destaque ainda por Monaco e PSG.

© STELLAN DANIELSSON

Maldini

Um dos jogadores mais fiéis a um clube na história do futebol, Maldini defendeu o Milan de 1984 a 2009 (902 jogos), onde conquistou 26 títulos, sendo cinco Ligas dos Campeões, e fez ótima dupla com Baresi. Foi também um dos principais nomes da seleção italiana.

© KICHI YAGAMI

Klinsmann

O atacante começou a ter sucesso na década de 80, pelo Stuttgart, mas foi na década de 90 que brilhou de vez. Campeão da Copa de 1990 e da Euro de 1996, Klinsmann foi bem ainda pela Inter de Milão e depois teve sucesso no Monaco, Tottenham e Bayern Munique.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

VAMPETADA
"Foi muito bem na Copa, mas, daquela seleção da Croácia, gostava mais do Boban"

Suker

Destaque da estreante e surpreendente seleção da Croácia na Copa do Mundo de 1998, o centroavante Davor Suker conseguiu terminar o Mundial com artilheiro com 6 gols. Assim, trocou o Sevilla pelo Real Madrid, onde jogou por três anos, mas abaixo do esperado.

© PISCO DEL GAISO

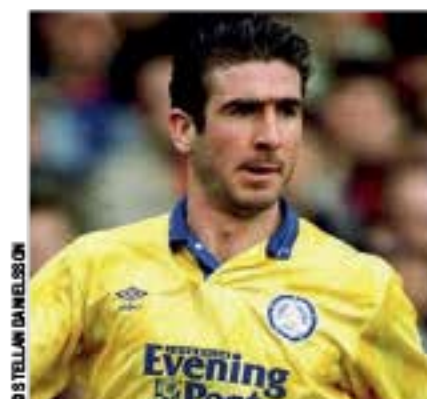
Batistuta

Revelado por Marcelo Bielsa no Newell's Old Boys-ARG, em 1988, Batistuta foi um dos melhores centroavantes da década de 90. Jogou por River Plate, Boca Juniors e Fiorentina (entre 1991 e 2000, marcando 206 gols) e se tornou o maior artilheiro da seleção argentina.

© BEST PHOTO

VAMPETADA
"Na Inter eu pensava: 'Será que esse cara é tudo isso mesmo?' E era"

Del Piero

Outro grande atacante da Juventus nos anos 90, ao lado de Roberto Baggio, Del Piero ganhou os principais títulos pela equipe e ainda teve vida longa na equipe, onde jogou até 2012. Na seleção italiana, jogou as Copas de 1998, 2002 e 2006, quando foi campeão.

© STELLAN DANIELSSON

Cantona

Jogador de boa técnica e finalização, o atacante francês ganhou notoriedade pelo estilo polêmico, principalmente quando chegou ao Manchester United, em 1992, onde virou ídolo. Pelo clube inglês, protagonizou uma cena rara, dando uma "voadora" num torcedor.

© MARCA

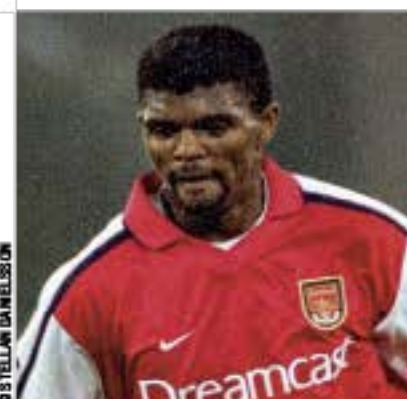
Verón

Volante de muita qualidade técnica, Verón começou sua carreira no Estudiantes, em 1994, e pouco depois foi para a Itália, onde passou por Sampdoria, Parma e Lazio depois de transferências milionárias. Em 2017, aos 42 anos, jogou a Libertadores pelo Estudiantes.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

VAMPETADA
"Grande Didi! Chamou mais atenção pela cabeleira"

Valderrama

Dono de uma cabeleira inconfundível, Valderrama foi o camisa 10 da seleção colombiana na década de 90 e ganhou destaque com a equipe, ao lado de Rincón, na Copa do Mundo de 1990, nas Eliminatórias de 1993 e em algumas edições da Copa América.

© STELLAN DANIELSSON

Kanu

Atacante alto (2,01 m), magrelo e habilidoso, o nigeriano Nwankwo Kanu foi o carrasco do Brasil na Olimpíada de Atlanta, em 1996, quando fez uma ótima exibição e dois gols na semifinal. Além do Ajax-HOL, passou pela Internazionale-ITA e Arsenal-ING.

POUCOS CRAQUES E MUITOS PEREBAS

Década contou com estrangeiros que fizeram história em nossos clubes, como Rincón, Arce e Gamarra, mas também com diversos gringos limitados que passaram despercebidos

Como reflexo dos bons nomes de fora que vieram ao Brasil na década de 80, os clubes brasileiros foram buscar mais e mais gringos para reforçar seus elencos. Muitos, ou a maioria, porém, pouco fizeram. E aqueles que realmente deixaram saudade foram poucos. O colombiano Freddy Rincón foi um deles. Campeão paulista em 1994 pelo Palmeiras, Rincón foi para o Real Madrid, mas voltou ao Palmeiras um ano depois. Em seguida, em 1997, foi para o Corinthians, onde virou ídolo. Jogador de muita técnica, força física e liderança, Rincón foi bicampeão brasileiro em 1998 e 1999, paulista, também em 1999, e em janeiro de 2000 levantou a taça do Mundial de Clubes da Fifa como capitão.

Quem brilhou pelo Corinthians foi o zagueiro paraguaio Gamarra, marcado por sua técnica, jogo limpo e impressionante capacidade de antecipação. Contratado pelo Inter em 1995, do Cerro Porteño-PAR, Gamarra compensava sua baixa estatura (1,79 m), com muita técnica e eficiência no jogo aéreo. No início de 1998, foi contratado pelo Corinthians e depois foi eleito um dos melhores jogadores da Copa, após passar quatro jogos sem cometer uma única falta. Outro paraguaio de sucesso foi o lateral direito Arce, que teve dois grandes momentos, ambos com o técnico Felipão. Primeiro pelo Grêmio, onde jogou de 1995 a 1997. Pelo tricolor gaúcho, ganhou muitos títulos (Libertadores, Recopa, Brasileiro, Copa do Brasil e Estadual) – faltou só o Mundial Interclubes, onde foi vice. Lateral direito sem tanta velocidade ou habilidade, Arce destacava-se pelos precisos cruzamentos e gols. No Grêmio, marcou 25 gols. Depois, pelo Palmeiras (entre 1998 e 2002), marcou mais 57 gols e é até hoje o gringo com mais gols no Campeonato Brasileiro. No Palmeiras, ganhou novamente a Libertadores e a Copa do Brasil, além da Copa Mercosul.

Outros jogadores com boas passagens por aqui foram o atacante colombiano Victor Aristizábal, que chegou ao São Paulo em 1996 e depois passou pelo Santos, Coritiba e Cruzeiro. Também da Colômbia, um nome peso foi o atacante Faustino Asprilla, campeão da Libertadores pelo Palmeiras. Entre os paraguaios, dois bons nomes foram o volante Enciso, que jogou pelo Inter, o zagueiro Rivarola (Grêmio e Palmeiras) e o goleiro Gato Fernández, que defendeu Inter e Palmeiras.

Outros bons nomes que acrescentaram foram o sérvio Petkovic, que começou no Vitória, em 1997, antes de brilhar pelos clubes do Rio, e o goleiro argentino Goycoechea, no Inter. Alguns, porém, ficaram marcados pelo lado folclórico, como o volante Mancuso, ex-Palmeiras e Flamengo, lembrado pelo jogo violento; o atacante sul-africano Mark Frank Williams, no Corinthians; o goleiro camaronês William Andem, ex-Cruzeiro; o lateral norte-americano Cobi Jones, no Vasco; e o italiano Marco Osio, no Palmeiras.

O colombiano Rincón, que marcou época igualmente nos arquirrivais Palmeiras e Corinthians

©RICARDO CORRÊA

Pet jogava como um brasileiro

© FERNANDO VIVAS

Gamarra era o rei do jogo limpo

© MARCELO SOUBHIA

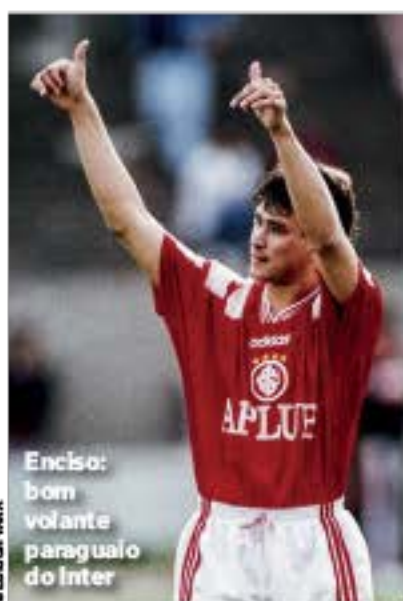
O lateral Arce: supercampeão no Grêmio e no Palmeiras

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

O argentino mancuso: marcado pela violência

© ANDRÉ DURÃO

Gato Fernández: boa escola paraguaia

© NICO ESTEVES

Enciso: bom volante paraguaio do Inter

© EDISON VARA

Aristizábal: sucesso no São Paulo

© RICARDO CORRÊA

BRASILEIROS ACORDARAM

Depois de nove anos sem vencer a Libertadores, clubes brasileiros voltam a conquistar o torneio e recuperam a hegemonia no continente. Década marca também a criação de novos torneios na América do Sul

© RICARDO CORRÊA

Máquina de títulos de Telê, Raí e cia

Em 1963, o Santos de Pelé conquistou o bicampeonato da Libertadores. Desde então, apenas três times brasileiros conseguiram vencer o torneio sul-americano, mas nenhum de forma consecutiva: Cruzeiro (1976), Flamengo (1981) e Grêmio (1983). Até o início dos anos 90, em 30 edições, os times brasileiros tinham conquistado apenas cinco títulos da Libertadores. Na década de 90, porém, as equipes acordaram, passaram a dar mais valor à competição e levaram seis títulos. O São Paulo, bicampeão em 1992 e 1993, foi quem puxou o carro. Sob o comando do técnico Telê Santana, o tricolor deu show nos jogos no Morumbi (sempre lotado) e venceu com brilho as duas edições, mostrando que a Libertadores podia ser conquistada na bola, sem catimba ou jogo feio. Com craques no elenco como Raí, Müller, Cafu, Leonardo, Palhinha, o São Paulo conquistou sua primeira Libertadores ao vencer o Newell's Old Boys, da Argentina, nos pênaltis. No ano seguinte, levou o bi ao superar a Universidad de Chile. No caminho, fez ainda um duelo memorável contra o supertime do Palmeiras. Em 1994, o tricolor teve a chance de ser tri, mas parou no Vélez Sarsfield-ARG, na disputa por pênaltis.

Além da Libertadores, o São Paulo ganhou também dois Mundiais: 1992, contra o Barcelona-ESP, e 1993, contra o Milan-ITA (foto)

Velhos e novos campeões da América

Depois do São Paulo, o próximo time brasileiro campeão da Libertadores foi o Grêmio, do técnico Felipão. Após vencer a Copa do Brasil de 1994, o tricolor se reforçou com os atacantes Paulo Nunes e Jardel, e, com bons nomes como Arílson, Carlos Miguel, Adilson, Roger, Arce e Danrlei, o tricolor reconquistou a América ao bater o Atlético Nacional-COL na final. Na campanha, o Grêmio passou pelo Palmeiras nas quartas de final num confronto épico. Depois de vencer o jogo de ida por 5 x 0, o tricolor garantiu vaga pelo gol fora que marcou na derrota por 5 x 1 em São Paulo. O confronto do Sul, na ida, foi marcado ainda pela confusão envolvendo os jogadores. Já em 1997, foi a vez de o Cruzeiro também voltar a ser campeão sul-americano. Sob o comando do técnico Paulo Autuori e com alguns ex-campeões pelo São Paulo (Vítor, Palhinha e Elivélton), o Cruzeiro bateu o Sporting Cristal na decisão. O goleiro Dida, herói na semifinal, era outro destaque cruzeirense na conquista. No ano seguinte, em 1998, o Vasco, do técnico Antônio Lopes, conquistou sua primeira Libertadores. Com um timaço, base da equipe campeã brasileira de 1997, o time venceu o Barcelona-EQU na decisão. Entre os principais nomes da equipe estavam os atacantes Donizete e Luizão, os meias Pedrinho e Juninho Pernambucano, o zagueiro Mauro Galvão e o lateral esquerdo Felipe. Já em 1999, o técnico Felipão conseguiu seu segundo título da Libertadores e deu ao Palmeiras a conquista inédita. Com dois ex-campeões pelo Grêmio (Arce e Paulo Nunes) e craques como Zinho, César Sampaio, Evair, Alex e o inspirado goleiro Marcos, o Verdão passou pelo rival Corinthians nas quartas de final e levou o título nos pênaltis, em cima do Deportivo Cali-COL. Os quatro times campeões, porém, não tiveram o mesmo sucesso do São Paulo no Mundial Interclubes. O Grêmio caiu para o Ajax-HOL, o Cruzeiro para o Borussia Dortmund-ALE, o Vasco para o Real Madrid-ESP e o Palmeiras para o Manchester United-ING.

Adilson ergue a Taça da Libertadores do Grêmio, em 1994

© EDISON VARA

O capitão Wilson Gottardo comemora a Libertadores do Cruzeiro, em 1997

© EUGÊNIO SÁVIO

O Vasco e a conquista da Libertadores de 1997

© EDISON VARA

Em 1999, foi a vez de o Palmeiras ganhar a Libertadores

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Copa Conmebol surge e acaba

Criada em 1992 para ser a segunda competição mais importante do continente, a Copa Conmebol não caiu muito no gosto dos clubes, mas foi boa para os brasileiros. Na primeira edição, o Atlético-MG ganhou do Olimpia-PAR na decisão. No ano seguinte, o Botafogo foi campeão em cima do Peñarol. Já em 1994, o São Paulo, treinado por Muricy Ramalho, com o Expressinho Tricolor (time de reservas e repleto de jovens), foi campeão vencendo também o Peñarol. Em 1997, o Galo voltou a conquistar o torneio e bateu o Lanús, numa final marcada pela pancadaria na Argentina, onde o técnico Leão apanhou feio. Já em 1998, o Santos, também treinado por Leão, ficou com o título. Em 1999, o CSA perdeu a final para o Talleres-ARG na última edição do torneio.

Paulo Roberto, do Galo, e a primeira Taça Conmebol

Flamenguistas comemoram a Mercosul de 1999

Mercosul dos brasileiros

Torneio que substituiu a Supercopa no calendário sul-americano, a Copa Mercosul foi positiva para os clubes brasileiros. Em 1998, o Palmeiras venceu o Cruzeiro na final, num ótimo laboratório para a conquista da Libertadores do ano seguinte. Já em 1999, o Verdão chegou novamente à final, mas parou no Flamengo em duas finais emocionantes (4 x 3 e 3 x 3). Em 2000, o Palmeiras perdeu outra final, dessa vez para o Vasco, que conseguiu uma das viradas mais incríveis em finais – perdia por 3 x 0 no Parque Antártica, no intervalo, e virou para 4 x 3, com uma atuação incrível de Romário (autor de três gols) e Juninho Paulista.

Os campeões dos campeões

Em 1988, a Conmebol inventou um novo torneio, a Supercopa Libertadores, que reunia apenas os campeões sul-americanos. Entre os brasileiros, somente Santos, Cruzeiro, Grêmio e Flamengo podiam participar. A Raposa, copeira, foi quem se deu melhor na competição. Vice na primeira edição, o time mineiro foi bicampeão com um time que atropelou os rivais. Em 1991, goleou o Nacional-URU por 4 x 0 e foi campeão em cima do River Plate-ARG com uma vitória por 3 x 0. Em 1992, com Renato Gaúcho em grande fase, a Raposa fez 8 x 0 no Atlético Nacional-COL, passou novamente pelo River Plate e foi campeão em cima do Racing-ARG, goleando no jogo de ida (4 x 0) e dando o troco na final de 1988. Em 1993, o São Paulo, completando seu ciclo vitorioso, foi campeão em cima do Flamengo.

Jogadores do São Paulo se abraçam na disputa de pênaltis na final da Supercopa, em 1993

©NELSON COELHO

Corinthians, em 1990, Botafogo, em 1995, e Palmeiras, em 1993, quebraram os jejuns de títulos

Época de acabar com jejuns

Nos anos 80, os clubes disputavam praticamente dois torneios por ano: seu estadual e o Brasileirão. A Libertadores, com apenas dois times brasileiros, era rara no calendário das equipes nacionais. Na década de 90, os times passaram a disputar quase que anualmente a Copa do Brasil, uma das competições sul-americanas (Supercopa, Copa Conmebol ou Mercosul), e depois, no fim da década, os torneios regionais (como o Rio-São Paulo, a Copa Sul-Minas e a Copa do Nordeste). A fartura de torneios serviu para que os grandes times ganhassem títulos praticamente todo ano, criando um cenário novo, sem grandes jejuns de conquistas. Assim, o Santos saiu de sua fila ao vencer o Rio-São Paulo em 1997 após 13 anos de espera – o último havia sido o Paulistão de 1984. Outros que conseguiram encerrar jejuns no período, mas no Brasileirão, foram o Corinthians, que ganhou seu primeiro título em 1990, e o Botafogo, campeão em 1995. O Palmeiras, bicampeão em 1993/94, venceu o torneio depois de 20 anos, igualmente. Além disso, em 1993, acabou com um jejum de títulos de 17 anos ao ganhar o Paulistão em cima do rival Corinthians.

Com tantos torneios e campeões, é até difícil apontar qual o clube mais vencedor da década. Nos Brasileiros, o Corinthians acabou sendo o mais vitorioso, com três conquistas (1990, 1998 e 1999), seguido pelo Palmeiras (1992 e 1993). Na Copa do Brasil, o Grêmio foi o maior campeão, com três títulos (1991, 1994 e 1997), seguido pelo Cruzeiro (1993 e 1996). O São Paulo, bicampeão da Libertadores e único a vencer o Mundial, faturou ainda um brasileiro, uma Supercopa, uma Conmebol e uma Recopa Sul-Americana. Vasco (campeão brasileiro, da Libertadores e da Mercosul), e Flamengo (campeão Brasileiro, da Copa do Brasil e da Mercosul), também ficaram entre os maiores campeões da década.

MUITO PANO E ESTAMPAS

Os anos 90 ficaram marcados pelos uniformes largos, pelo fim dos shorts curtos, além de camisas com muitas estampas e as alternativas, chamadas "camisa três", muitas delas com gosto duvidoso

Uma das grandes mudanças do futebol dos anos 90 em relação ao da década de 80 foram os uniformes. Os shorts curtos deram lugar ao calção mais comprido e os clubes tiveram que usar cores diferentes nos jogos. No início, alguns clubes ousaram nas combinações, como o Santos, que jogou com calção estrelado e quadriculado. A qualidade do material esportivo também melhorou, com tecidos mais leves, sintéticos, bem diferentes daqueles de algodão da década anterior. As camisas também ficaram mais largas e jogadores baixinhos pareciam sobrar com tanto pano. Outro ponto a se destacar foi a inovação nos desenhos. As camisas ganharam muitas estampas e texturas, diferentes dos tradicionais modelos das décadas anteriores. Dos grandes, o Palmeiras foi quem mais mudou. Após a chegada da patrocinadora Parmalat, o time criou uma camisa com listras verticais brancas. A renovação constante de camisas se torna grande fonte de receita para os clubes. Outra novidade foi a camisa três, que seguiu uma tendência europeia. Algumas tinham gosto duvidoso e não emplacavam, como a "francesa" do Corinthians de 1995, e as com estrelas do Cruzeiro de 1996 e 1997. Outro modelo de sucesso foi a do Bragantino, com seus losangos cinza, pretos e brancos que lembravam a camisa da Holanda, de 1988.

Novidades na moda: calção estrelado do Santos, Bragantino à holandesa, camisa do Galo com listras invertidas na manga, Cruzeiro com detalhes estrelados, o Papagaio de Vintém do Flamengo e o Grêmio de azul-celeste

Cabide Placar

Em 1995, a revista reuniu 100 camisas de clubes nacionais e internacionais e lançou um pôster com os mais variados modelos. Entre eles, camisas de fornecedores de material esportivo hoje extintos, mas que confeccionaram uniformes vários clubes, como a Rhummel, Dell'erba, Amddma e Hawk.

1

A camisa três do Corinthians de 1995, criada por um designer francês, não emplacou

2

De 1993 a 1996, o Palmeiras jogou com listras brancas na camisa, fugindo do tradicional verdão

3

Camisa do Vitória com detalhes pretos: inovação nos desenhos marcou a década

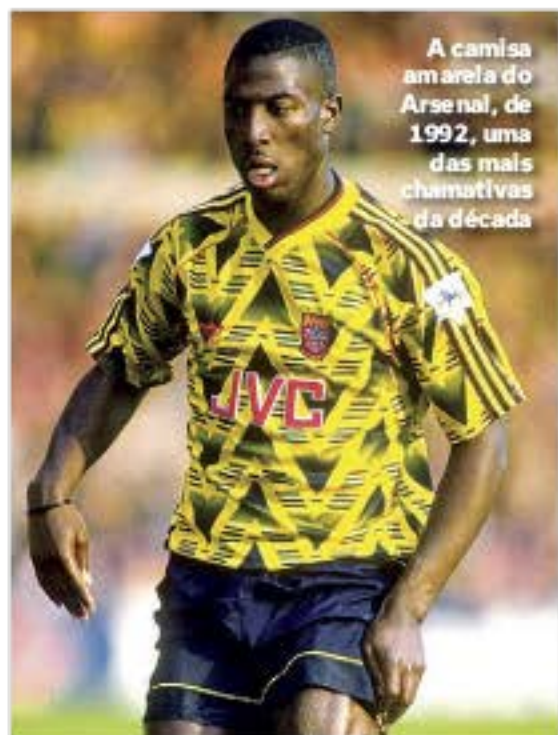
O Bayern Munique, de amarelo: fugir do tradicional virou a tônica nos terceiros uniformes

© GETTY IMAGES

Matthäus, com a larga camisa do Bayern Munique, diante do Barcelona, de verde

© GETTY IMAGES

Rijkaard com o diferente uniforme do Ajax, da Holanda, em 1995

© GETTY IMAGES

A camisa amarela do Arsenal, de 1992, uma das mais chamativas da década

© GETTY IMAGES

© GETTY IMAGES

© GETTY IMAGES

O Chelsea, do ator Vinnie Jones, usou uma camisa amarela, com curiosas linhas azuis, e depois, com Gullit, um terceiro uniforme com a combinação cinza e laranja

1

A camisa do La Coruña, com listras verticais e horizontais, foi uma das mais marcantes da década

2

O Yomiuri Verdy, do Japão, jogava com uma camisa com estampa na tendência tie dye

3

Camisa da seleção sul-africana: gosto duvidoso, mas que fazia sucesso nos anos 90

DE VOLTA ÀS CONQUISTAS

Após quebrar o jejum de 24 anos sem vencer a Copa do Mundo, a seleção brasileira levou, com brilhantismo, duas edições da Copa América e ainda ganhou a Copa das Confederações pela primeira vez

O início dos anos 90 não foi nada bom para a seleção brasileira. Na Copa do Mundo da Itália, a seleção do contestado técnico Sebastião Lazaroni caiu precocemente nas oitavas de final diante da nossa maior rival, a seleção argentina. Com seu 3-5-2, sistema tático pouco utilizado no Brasil, Lazaroni não foi capaz de segurar o craque Diego Maradona e o atacante Caniggia no primeiro mata-mata e acabou eliminado e despedido da seleção. Após o fiasco, a equipe brasileira ficou conhecida como "Geração Dunga", pelo estilo feio de jogo e muita marcação. Depois da Copa, coube ao novato técnico Falcão tentar reestruturar a seleção. Mas, ao optar por levar somente jogadores que atuavam no Brasil num primeiro momento, Falcão foi muito criticado. Ainda mais com os resultados ruins em campo. Assim, em 1992, acabou substituído por Carlos Alberto Parreira, que, apesar de não ser o preferido de torcedores e jornalistas, realizou um grande trabalho. Principalmente por superar diferenças e chamar Romário para o grupo. Com o Baixinho, a seleção despachou o Uruguai nas Eliminatórias e garantiu a vaga na Copa. Depois, graças ao seu talento, o Brasil conseguiu vencer o Mundial nos Estados Unidos, encerrando um jejum de 24 anos na competição. Mesmo sem jogar com tanto brilho, a conhecida seleção pragmática de Parreira mostrou-se forte e organizada taticamente, vencendo a Copa com méritos. E muitos jogadores da "Geração Dunga" acabaram dando a volta por cima, como o próprio volante, os laterais Jorginho e Branco, o goleiro Taffarel, o zagueiro Aldair e o atacante Bebeto. Livre do peso da fila e com uma ótima geração, a seleção brasileira teve ótimos momentos na sequência. Sob o comando de Zagallo e com a entrada de craques como Ronaldo, Roberto Carlos, Dida e, posteriormente, Rivaldo, o Brasil foi campeão da Copa América em 1997, na Bolívia, a primeira fora de casa. No mesmo ano, a seleção conquistou a Copa das Confederações, pela primeira vez, na Arábia Saudita, ao golear a Austrália na final por 6 x 0. Em 1998, porém, o time que era superfavorito ao bi na Copa do Mundo acabou sucumbindo diante da França, a dona da casa. Com Ronaldo no auge, a seleção fez uma boa campanha até a final, mas após a convulsão do craque, na véspera da decisão, tudo desmoronou. Abalado, o time foi muito mal na partida e levou um sonoro 3 x 0 da equipe de Zidane e companhia. Houve até uma teoria da conspiração de que o Brasil havia vendido a partida, tamanha foi a surpresa com o resultado. Mas obviamente era tudo bobagem. Após a Copa, Zagallo deu lugar a Vanderlei Luxemburgo, um dos técnicos mais vitoriosos por clubes na década. Com Luxa e com o apoio do torcedor, a seleção mostrou um jogo mais ofensivo e bonito e conquistou a Copa América de 1999, com uma grande atuação diante do Uruguai na final.

Herói da disputa por pênaltis na final da Copa, o goleiro Taffarel comemora o título com Bebeto, Viola, Mauro Silva, Aldair e Cafu

VAMPETADA
"Tirando Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Kaká, tenho certeza de que a seleção de 1994 era muito mais forte do que a de 2002. Incluindo os reservas"

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Em 1990, o Brasil de Taffarel parou na Argentina de Caniggia e Maradona

© PEDRO MARTINELLI

© PEDRO MARTINELLI

© SPORTINGHEROES

Bem que o Galvão Bueno avisou: "Olha o Kanu, ele é perigooo...so"

Ronaldo, em dividida com o goleiro Barthez: convulsão misteriosa antes da final de 98

© RICARDO CORRÊA

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Sucesso na Copa América

Vice-campeã em 1991 e 1995, a seleção brasileira foi bi da Copa América em 1997 e 1999 vencendo todos os jogos. Na Bolívia, a equipe de Zagallo foi campeã batendo a anfitriã na final (3 x 1), com a dupla Ronaldo e Romário marcando oito dos 22 gols da equipe. Após o título, o criticado técnico Zagallo fez um desabafo histórico: "Vocês vão ter que me engolir!". Já em 1999, o time campeão de Luxemburgo contou com Rivaldo e o estreante Ronaldinho Gaúcho.

Fracasso na Olimpíada mais uma vez

Depois de ficar com a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1984 e 1988, a seleção brasileira olímpica de futebol conseguiu ter um rendimento pior na década de 90. Para os Jogos de Barcelona 1992, a seleção do técnico Ernesto Guedes não foi capaz nem de se classificar na eliminatória sul-americana. Já em 1996, com o técnico Zagallo, que também era o treinador da seleção principal, o Brasil fracassou diante da Nigéria na semifinal. Contanto com jogadores campeões da Copa do Mundo de 1994, como Aldair, Ronaldo e Bebeto, e vários outros que viriam a disputar as Copas de 1998 e 2002, como Roberto Carlos, Dida, Flávio Conceição, Luizão e Juninho Paulista, além de jovens promissores, como Zé Elias e Sávio, a seleção não conseguiu confirmar seu favoritismo e ficou apenas com a medalha de bronze. Depois de começar perdendo para o Japão na estreia, o time de Zagallo chegou a se recuperar e venceu Hungria e Nigéria, na primeira fase, e Gana, nas quartas de final. Porém, diante da Nigéria, novamente, a equipe sofreu uma virada inesquecível. Depois de fazer 3 x 1 no primeiro tempo, o Brasil levou o empate aos 44 do segundo tempo, com o atacante carrasco Kanu, e levou a virada, na prorrogação, com mais um gol de Kanu.

HOMENAGEM AOS GÊNIOS DA BOLA

Em 1996, Placar realizou uma enquete para escolher os 11 melhores jogadores da seleção brasileira de todos os tempos, através de uma enquete realizada com personalidades, jornalistas e especialistas. Escalamos o fotógrafo Bruno Veiga para retratar os eleitos que estavam vivos àquela época. Os eleitos foram: Gilmar, Djalma Santos, Carlos Alberto, Domingos da Guia e Nilton Santos; Zizinho, Didi e Gérson; Garrincha, Leônidas e Pelé. **FOTOS BRUNO VEIGA**

Djalma Santos
1929-2013

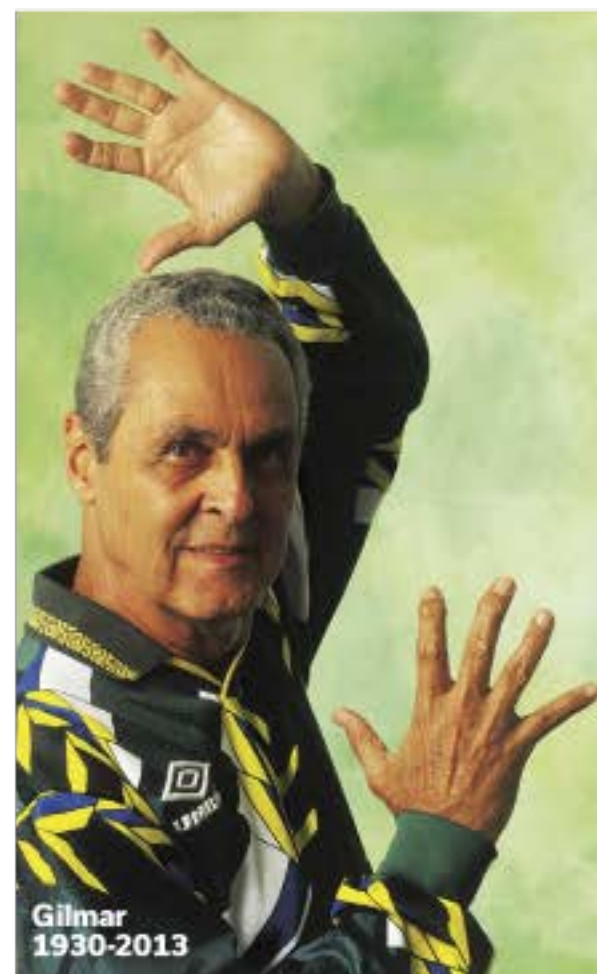
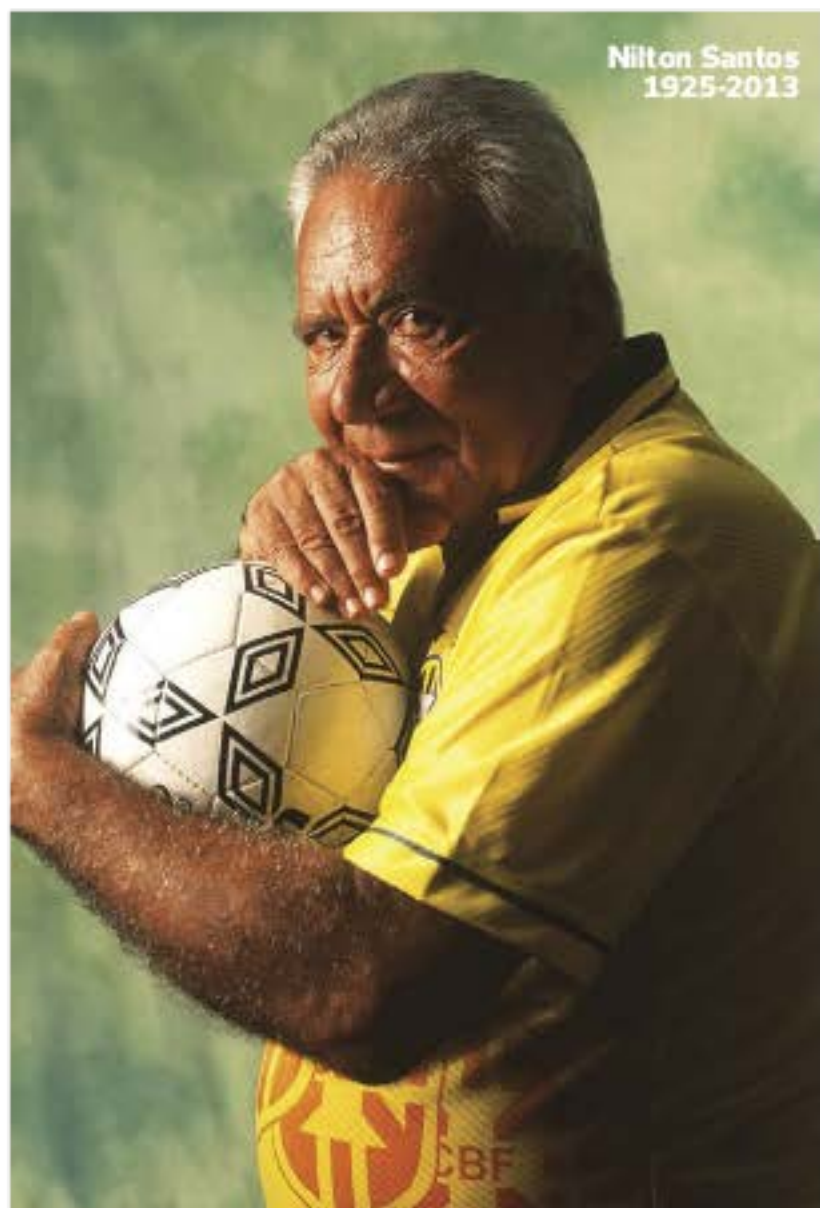
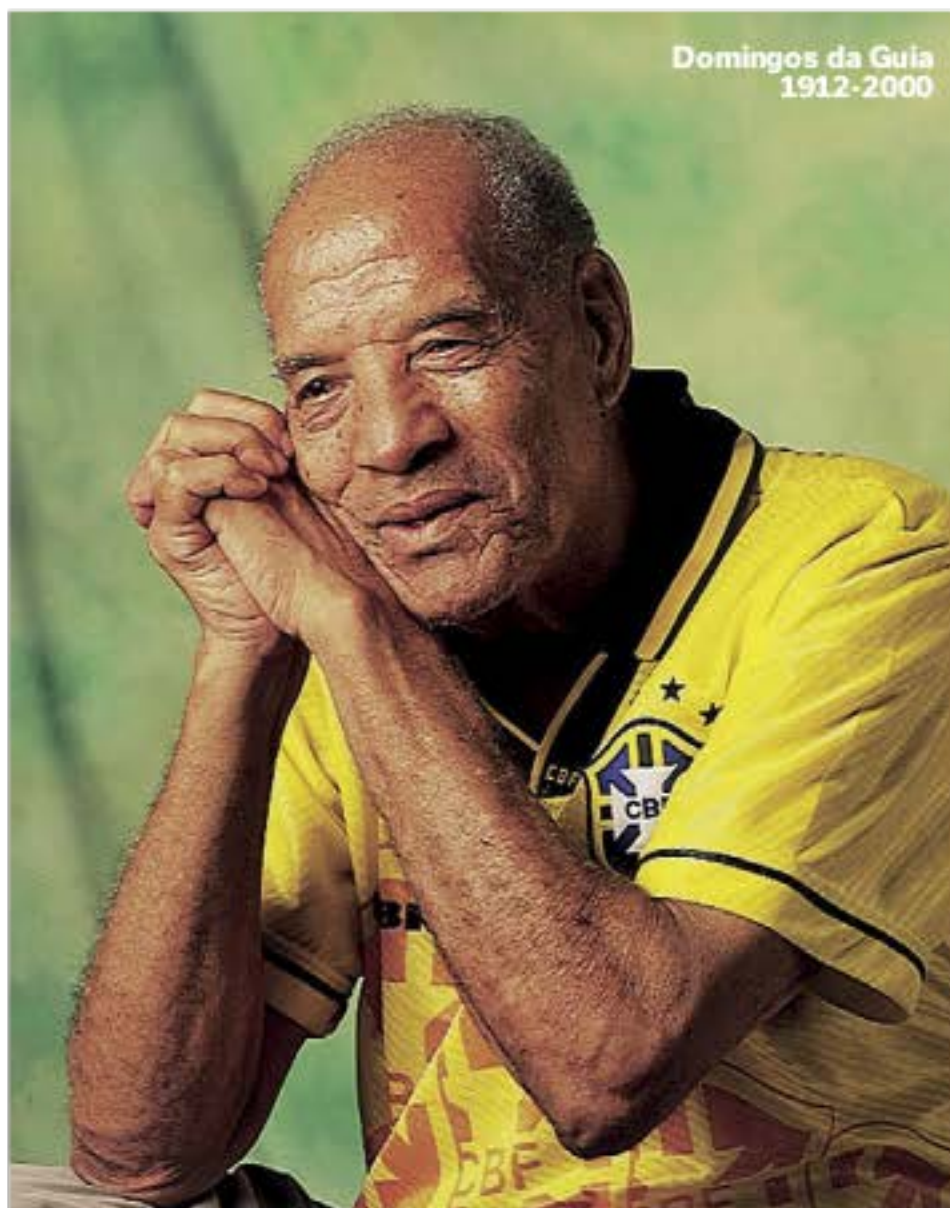
VAMPETADA
"Malandragem na Copa de 1958! Não era nem titular"

Carlos Alberto
1944-2016

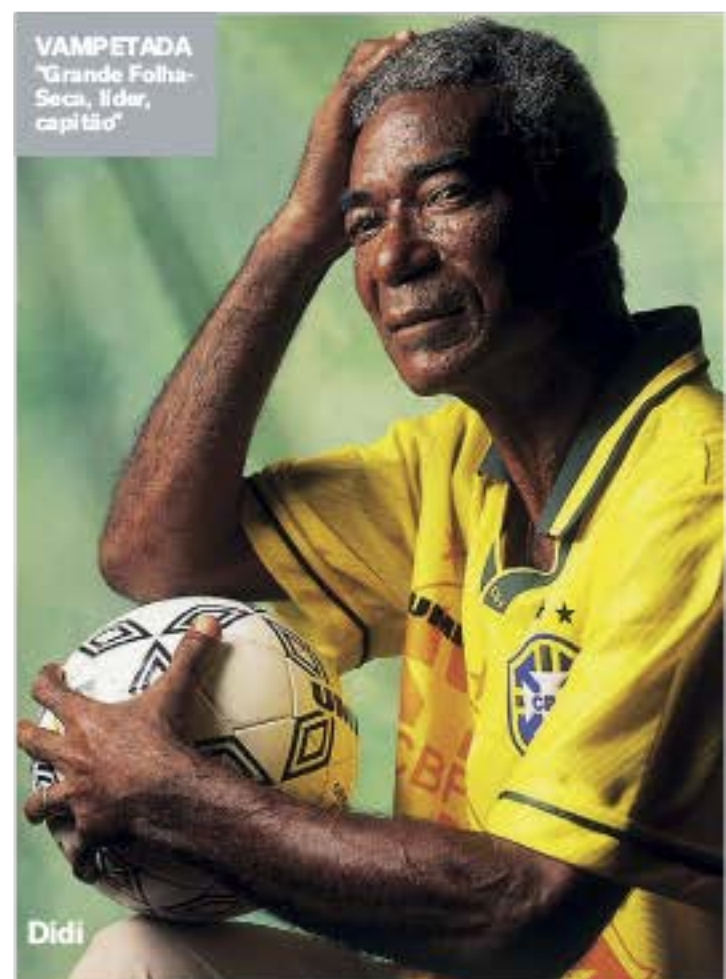
Gilmar
1930-2013

Zizinho
1921-2002

Leônidas da Silva
1913-2004

VAMPETADA
"Esse é o mestre de todos, quem começou tudo"

Nilton Santos
1925-2013

Domingos da Guia
1912-2000

Gérson

Pelé
VAMPETADA
"A gente nunca deveria colocar ele em lista alguma, porque esse é Deus"

VAMPETADA
"Grande Folha-Seca, líder, capitão"
Didi

A ÉPOCA DO FUTEBOL DEMOCRÁTICO NA TV

A década de 90 não contava com monopólios. As quatro maiores emissoras disputavam as transmissões, mas o futebol estava longe de ser a avalanche de hoje em dia nas telinhas

© PEDRO MARTINELLI

A Copa de 94, nos Estados Unidos, foi transmitida por três emissoras brasileirase apresentou tendências em tecnologias que seguiriam pelas copas seguintes

Pay Per View? Jogos sendo transmitidos a todo instante? Nos anos 90 não era assim! Naquela época, eram poucas as partidas que passavam ao vivo na televisão. Os principais modos de acompanhar o time do coração eram ouvir pelo rádio e ir ao estádio. Mas foi nessa década que a tecnologia começou a entrar nesse meio.

As transmissões começavam com vinhetas simples anunciando o jogo. As escalações apareciam em uma arte bem básica, apenas uma lista dos jogadores, sem animações, inserções de fotos ou até mesmo imagens especialmente feitas para o momento, como nos dias de hoje, mostrando os jogadores e o escudo do clube.

Pode parecer estranho, hoje, mas, quando se ligava a TV e o jogo estava rolando, era necessário perguntar a alguém quanto estava o jogo, ou esperar um tempo até o locutor dizer. O resultado da partida não ficava permanentemente no canto da tela, o que é básico hoje em dia. Foi somente a partir de 1999 que isso passou a acontecer.

Foi nessa década também que a televisão começou a dar visões diferenciadas ao telespectador, com câmeras atrás do gol – um cinegrafista ficava pendurado numa grua ou uma câmera menor, mas relativamente grande, se comparada às atuais, era posicionada atrás das redes. Não raramente, eram atingidas pela bola chutada mais alta ou com força.

Outra inovação, que hoje parece quase inocente e nem mais é usada, eram trilhos que conduziam o cinegrafista e sua câmera acompanhando o movimento do jogo nas laterais do gramado. Era uma das experiências mais realistas do campo. Hoje em dia, câmeras controladas a distância, e bem menores, muitas vezes fazem o mesmo papel.

As três Copas do Mundo disputadas nessa época também foram marcantes para a televisão brasileira. Em 1990, quatro emissoras transmitiram o mundial. Globo, SBT, Bandeirantes e Manchete. O monopólio da Globo não existia e as opções nas outras emissoras eram interessantes. O SBT, com uma simpática bolinha amarela que dava as caras e gritava gol durante a transmissão, ganhou destaque. O "Amarelinho" ficou famoso naquela Copa. As transmissões do evento de 1990 eram comandadas por Roberto Cabrini, hoje apresentador do *Conexão Repórter*, programa de reportagens investigativas de bastante sucesso. O locutor era Luís Alfredo, com passagem pela Globo. O toque bem SBT foi de Ivo Morganti, ex-apresentador do jornalístico popular *Aqui e Agora* e os comentários foram dos técnicos Telê Santana e Emerson Leão.

Em 1994, o SBT voltou a transmitir uma Copa do Mundo, com direito a programas especiais do apresentador Jô Soares, o *Jô Onze e Meia*, diretamente dos Estados Unidos. A TV Manchete marcou época nas transmissões de futebol na década, especialmente por trazer João Saldanha como comentarista. João, ex-técnico da seleção, que montou o time que seria tricampeão em 1970, foi o comentarista na Copa de 86, no México, e repetiu o trabalho em 1990, na Itália. Saldanha, mesmo doente, trabalhou a Copa inteira e morreu quatro dias após ter trabalhado na final, em Roma. Em 1994, a Manchete não transmitiu a Copa dos EUA, por não cumprir os pagamentos dos direitos de transmissão. Num inusitado comunicado ao público, os gestores daquela época se desculpando com os telespectadores, culpando a gestão anterior do canal. Em 1998, a emissora transmitiu novamente um mundial.

A Globo não ficou atrás na repercussão e qualidade de suas transmissões de futebol no período. Na Copa de 1994, Galvão Bueno, já líder absoluto na preferência dos telespectadores, teve ao seu lado, como comentarista, o Rei Pelé. Numa polêmica gravação captada através das antenas parabólicas, no intervalo das transmissões abertas, mas ao alcance de quem tinha uma antena parabólica, Galvão proferiu uma série de reclamações contra Pelé, quando indagado, no ponto eletrônico em seu ouvido, sobre o rei do futebol falar demais nas transmissões. Galvão disse: "Eu fecho, ele vai lá e abre *(o microfone)*"; "Só se eu matar ele, cara". E completou: "Eu vou dar com uma marreta na cabeça dele", ao argumentar como fazer Pelé parar de falar demais, obviamente num comentário irreal.

Os anos 90 também foram marcantes pelo início das transmissões dos campeonatos internacionais. A Bandeirantes, por exemplo, começou a transmitir o Campeonato Espanhol, além do Italiano, conhecido como "Calcio", com comentários do jornalista Silvio Lancelotti.

A partir da década de 90, a TV começou a dominar o futebol. Além de ser o meio no qual mais os apaixonados pelo futebol acompanham seus times e jogos, ela passou a ditar o rumo do futebol brasileiro, seus campeonatos e principais recursos.

Cameraman na grua atrás do gol. Pelé e Galvão Bueno comemorando o tetra nos EUA. A logomarca da extinta TV Manchete e o Amarelinho, mascote das transmissões do SBT

© EUGÊNIO SÁVIO

© REPRODUÇÃO / TV

© REPRODUÇÃO / TV

CAUSOS DO MILTÃO

As histórias incríveis, hilárias e 99,3% verdadeiras do futebol

OS PRIMEIROS ANOS DO RESTO DAS NOSSAS VIDAS

Os anos 90 marcaram demais minha vida profissional. Afinal, "nasci" para a televisão nessa década, em 1991, fazendo narrações para a TV Jovem Pan. Depois, comandei o delicioso "Canal 100", na Manchete, e mais tarde segui para a Bandeirantes, onde minha carreira televisiva deslanchou. Nesse período, nasceu também o meu Portal Terceiro Tempo, em 1995, antes mesmo do surgimento do gigante UOL. E os anos 90 também foram muito marcantes para o futebol brasileiro. Nossa seleção, com um time menos badalado do que os que tivemos na década anterior, findou o incômodo jejum de 24 anos sem vencer um mundial. Além disso, nessa década, os clubes daqui montaram verdadeiras e vitoriosas seleções. E dois desses maravilhosos times me marcaram muito: o Palmeiras campeão paulista de 1993, primeiro grande título da "Era Parmalat"; e o Santos de 1995, campeão moral do Brasileiro daquele ano. Nesta página, relembre os jogadores que faziam parte dessas equipes e veja como alguns deles estão hoje em dia.

TIME DO PALMEIRAS NA FINAL DE 1993 ***Em pé:*** **Mazinho, Roberto Carlos, César Sampaio, Tonhão, Sérgio e Antonio Carlos;** ***Agachados:*** **Edmundo, Daniel, Evair, Edilson e Zinho.**

©NELSON COELHO

1 **Mazinho, que brilhou também no Vasco e no futebol europeu, hoje cuida das carreiras de seus filhos, Thiago, do Bayern Munique, e Rafinha, do Barcelona.**

2 **Tonhão, o zagueiro que conquistou o torcedor palmeirense pelo seu espírito de luta, é dono de uma escolinha de futebol em Osasco-SP.**

3 **O goleirão Sérgio, que defendeu o Palmeiras e outros "milhares" de times, atualmente trabalha como dirigente esportivo.**

4 **Volante com boas passagens pelo Palmeiras, pelo Internacional, pelo Atlético-MG e pelo Fortaleza, o catarinense Daniel Frasson trabalha atualmente como técnico.**

O SANTOS VICE BRASILEIRO EM 1995: ***Em pé:*** **Narciso, Carlinhos, Marquinhos Capixaba, Ronaldo Marconato, Marcos Adriano e Edinho;** ***Agachados:*** **Giovanni, Jamelli, Robert, Camanducaia e Marcelo Passos.**

©ALEXANDRE BATTIBUGLI

1 **Marquinhos Capixaba, que também marcou época no São Paulo e no Guarani, hoje vive em Vila Velha-ES.**

2 **Meia revelado pelo São Paulo, Jamelli recentemente voltou a trabalhar como técnico de futebol.**

3 **Camanducaia, que teve gol legítimo anulado na final do Brasileiro de 95, é dono de pousada na cidade de Monte Verde-MG.**

4 **O habilidoso Marcelo Passos, que também defendeu o Flamengo, o Goiás e o Náutico, hoje é agente Fifa.**